

Nicole Sofia Gomes Varela

A adaptação de um grupo de crianças ao jardim de infância



UNIVERSIDADE DO ALGARVE
Escola Superior de Educação e Comunicação
2019

Nicole Sofia Gomes Varela

A adaptação de um grupo de crianças ao jardim de infância

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Trabalho realizado sob a orientação de:
Professora Doutora Maria Leonor Borges



UNIVERSIDADE DO ALGARVE
Escola Superior de Educação e Comunicação
2019

A adaptação de um grupo de crianças ao jardim de infância

Declaração de autoria de trabalho

Declaro ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluídas.

Copyright - _____ Universidade do
Algarve

A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos.

“Reconhecer o desejo da criança é no fundo reconhecê-la como uma pessoa que sente, actua, pensa e deseja” (Zabalza, 1998, p.110)

Agradecimentos

À minha orientadora, Professora Doutora Maria Leonor Borges, pela sua dedicação ao orientar-me neste relatório e por ter acreditado que este estudo, apesar das suas limitações, foi conseguido.

Às duas educadoras da instituição de Loulé pela fantástica experiência, partilha de conhecimento e disponibilidade em colaborar comigo. Foi algo muito enriquecedor para o meu crescimento profissional e pessoal.

A todas as crianças, pelos momentos de aprendizagem, de carinho e brincadeiras, e que apesar das circunstâncias participaram nas atividades propostas com sorriso e com motivação. Os dias passados na instituição valeram a pena, quando as crianças mostravam os seus sorrisos.

Às minhas colegas de curso, pelos momentos de partilha e de convívio. Através dessas experiências aprendemos muito umas com as outras.

Às minhas amigas, Sofia e Fânia, pela grande amizade e apoio durante este mestrado. Um especial agradecimento à Sofia por ser um grande apoio e pela motivação nos momentos mais esgotantes. Estou grata pela tua amizade.

Ao Alex, pela paciência e o apoio em todos os momentos, e pela capacidade de me motivar bem como por acreditar nas minhas capacidades. Por ser um verdadeiro amigo nos momentos mais difíceis e por ser a minha pessoa especial.

À minha melhor amiga, por ter a capacidade de “puxar por mim” naqueles momentos de desespero e por nunca desistir de mim.

Aos meus pais, pela dedicação e amor, pelos sacrifícios que fizeram por mim de modo a que pudesse concretizar os meus sonhos.

Por fim, agradeço a todos que fizeram parte deste processo. Estou eternamente grata!

Resumo

O relatório que se apresenta relata o trabalho de cariz investigativo e reflexivo que decorreu no âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada (PES), do Mestrado em Educação Pré-escolar e tem como título «A adaptação de um grupo de crianças ao jardim de infância».

Na prática de ensino supervisionada em contexto jardim de infância a vivência de um início de ano letivo marcado por um período de instabilidade, assinalado por uma grande saída e entrada de crianças, motivou o interesse em compreender como se processa o período de adaptação numa sala de jardim de infância. A questão que se colocou foi: como decorre o processo de adaptação das crianças ao contexto de jardim de infância? Pretendia-se observar e refletir sobre a questão do processo de adaptação no jardim de infância com o objetivo de compreender as dificuldades e as necessidades de intervenção da educadora durante este período. Tratou-se de um estudo de cariz qualitativo que na recolha de dados privilegiou a observação direta do grupo de crianças da sala, a entrevista semi-diretiva a duas educadoras, o questionário aos pais e o diário de campo.

O estudo possibilitou refletir sobre a importância deste período para a integração com sucesso das crianças no jardim de infância nomeadamente, do papel de todos os intervenientes, educadora e família, e da necessidade de neste período existirem atividades que promovam a adaptação da criança à realidade de um novo contexto. Tendo em atenção os resultados do trabalho propõe-se um plano de atividades.

Palavras – chave: Adaptação ao jardim de infância; Jogo/brincar; Papel da família; Papel do educador.

Abstract

The report that follows presents the investigative and reflective work that took place within the scope of the Supervised Teaching Practice (PES) course, of the Master's in Pre-school Education and is entitled "Adapting a group of children to kindergarten".

In the practice of supervised teaching in the context of kindergarten, the experience of a beginning of a school year marked by a period of instability, marked by a large exit and entrance of children, motivated the interest in understanding how the adaptation period takes place in a room of kindergarten. The question was: how does the process of adapting children to the context of kindergarten take place? It was intended to observe and reflect on the question of the adaptation process in kindergarten with the aim of understanding the difficulties and the intervention needs of the educator during this period. It was a qualitative study that in the collection of data privileged the direct observation of the group of children in the room, the semi-directive interviews to the educator of the room and the educator of another room, the questionnaire to the parents complemented with field notes.

The study made it possible to reflect on the importance of this period for the successful integration of children in kindergarten, namely, the role of all actors, educator and family, and the need in this period for activities that promote the child's adaptation to the reality of a new context. Taking into account the results of the work, it is proposed a plan of activities

Keywords: Adaptation to kindergarten; Game / play; Family role; Role of the educator

Índice Geral

Agradecimentos	i
Resumo	ii
Abstract	iii
Índice Geral	iv
Índice de tabelas	v
Índice de gráficos	vi
Índice de apêndices	vii
Abreviaturas e siglas	viii
Introdução	1
Capítulo I – Enquadramento teórico	3
1. Adaptação da criança em contexto jardim de infância	3
2. Os contributos do jogo e do brincar no processo de adaptação da criança	6
3. A importância do envolvimento das famílias no processo da adaptação da criança	8
4. O papel do educador como facilitador/mediador do processo de adaptação	11
Capítulo II – Metodologia de Investigação	15
1. Natureza do estudo	15
2. Questão de investigação	16
3. Objetivo geral	16
3.1. Objetivos específicos	16
4. Participantes	16
5. Procedimentos metodológicos	17
5.1. Observação direta e participante	18
5.2. Notas de campo	19
5.3. Portefólio	19
5.4. Entrevistas semiestruturadas	19
5.5. Inquérito por questionário	20
Capítulo III – Análise e discussão dos dados	22
3.1. O processo de adaptação: constituição do grupo	22
3.2. O processo de adaptação: atividades desenvolvidas	23
3.3. O processo de adaptação: papel das famílias	30
3.4. O processo de adaptação: dificuldades	31
4. Discussão dos dados	33
Capítulo IV - Proposta de projeto para o processo de adaptação	35
Considerações finais	39
Bibliografia	41
Apêndices	44

Índice de gráficos

Gráfico I – Frequência da adesão às propostas de atividades, por mês	24
Gráfico II - Frequência dos comportamentos de entreajuda, por mês	25
Gráfico III - Frequência das interações entre as crianças, por mês	26
Gráfico IV - Frequência das interações de respeito entre as crianças, por mês	27
Gráfico V – Frequência na participação na elaboração das regras, por mês	28
Gráfico VI – Frequência do reconhecimento das regras na sala de atividades, por mês	28
Gráfico VII - Frequência das interações das crianças na realização de jogos e intervenção de diálogos, por mês	29
Gráfico VIII – Frequência da participação dos EE	30
Gráfico IX- Avaliação do processo de adaptação pelos encarregados de educação	32
Gráfico X - Idade das crianças do grupo.....	77
Gráfico XI - Género das crianças do grupo	78
Gráfico XII - Reconhecimento dos EE sobre as propostas de atividades	79
Gráfico XIII - Consideração dos EE quanto ao trabalho desenvolvido na sala dos seus educandos	81

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Participantes no estudo: crianças	16
Tabela 2 - Participantes no estudo: educadoras de infância	17
Tabela 3 - Sensibilização e familiarização aos encarregados de educação	35
Tabela 4 - Atividades centradas nos interesses das crianças	36
Tabela 5 - Envolvimento familiar.....	37
Tabela 6 - Avaliação com todos os intervenientes do contexto educativo	37
Tabela 7 - Idade do educando	77
Tabela 8 - Género do educando	77
Tabela 9 - Avaliação do processo de adaptação pelos EE	78
Tabela 10 -Fatores facilitadores da adaptação.....	78
Tabela 11 - Reconhecimento dos EE sobre as atividades.....	79
Tabela 12- Participação dos EE.....	80
Tabela 13- Respostas dos EE, quanto à sua participação	80
Tabela 14 - Consideração dos EE.....	80
Tabela 15- Sugestões elaboradas pelos EE.....	81

Índice de apêndices

Apêndice I - Grelhas de observação	45
Apêndice II - Notas de campo.....	51
Apêndice III - Guião de entrevista	67
Apêndice IV - Transcrições das entrevistas às educadoras.....	69
Apêndice V - Guião de questionários aos Encarregados de Educação	75
Apêndice VI - Respostas aos questionários dos EE	77

Abreviaturas e siglas

EA – Educadora de infância A

EB – Educadora de infância B

EE – Encarregados de educação

JI – Jardim de infância

PCG – Projeto Curricular de Grupo

PES – Prática de Ensino Supervisionada

OCEPE – Orientações curriculares para a Educação Pré-escolar

Introdução

Todos nós, seres humanos, passámos por momentos de adaptação, e apesar de sermos seres adaptativos necessitámos de tempo para podermos ajustar-nos às novas realidades que possamos enfrentar. Uma das grandes adaptações que o ser humano enfrenta e, quando ainda é criança, é quando deixa de passar tanto tempo no contexto familiar e se integra no contexto institucional, como por exemplo, o jardim de infância.

A partir desse instante, a criança inicia a sua nova jornada que pode ser uma adaptação sem grandes dificuldades em integrar-se com as outras crianças e com outros adultos, ou então, podem surgir algumas inseguranças e ansiedade ao experienciar um ambiente completamente novo. De qualquer das formas, este período que referimos por período de adaptação é um assunto muito delicado e de extrema importância para a educação de infância.

O interesse pelo estudo partiu de uma situação vivenciada na PES: a instabilidade constante do grupo nas primeiras semanas de prática. Esta situação motivou ao interesse de compreender como se processa o período de adaptação numa sala de jardim de infância. Como futura profissional de educação quis compreender melhor como lidar com esta realidade para que futuramente consiga gerir da melhor forma esta situação e proporcionar às crianças uma boa experiência no jardim de infância. Desta forma, é proposto um plano de atividades com estratégias preventivas para este tipo de acontecimento.

Como nós profissionais de educação sabemos, uma boa adaptação e boas relações afetivas é o que se pretende passar para as crianças de modo a que estas possam ter as melhores condições de aprendizagem e bem-estar. Como salienta Lopes da Silva, Marques, Mata e Rosa (2016):

As relações e as interações que a criança estabelece com os adultos e com outras crianças, assim como as experiências que lhe são proporcionadas pelos contextos sociais e físicos em que vivem constituem oportunidades de aprendizagem, que vão contribuir para o seu desenvolvimento (p.8).

Não esquecendo que estas relações e interações, na sua grande maioria, são fundadas a partir da atividade mais natural e intrínseca da criança que é o brincar. Pois, através desse

meio, a criança conhece o mundo e demonstra todas as suas qualidades e características permitindo dar-se a conhecer e a conhecer o outro. E ainda, através do ato de brincar a criança liberta as angústias, as inseguranças e os seus medos.

No que respeita à organização do presente relatório este está dividido em três capítulos. No capítulo I encontra-se a fundamentação teórica, onde se espelha um conjunto de saberes e conceitos, no que diz respeito à adaptação da criança ao contexto jardim de infância; a importância do envolvimento das famílias; os contributos do jogo, do brincar e o papel do educador no processo de adaptação. Esta primeira etapa é essencial para contextualizar e fundamentar os objetivos do estudo.

No capítulo II apresenta-se a metodologia adotada para realizar o estudo. Apresentam-se os objetivos do estudo e os procedimentos metodológicos.

No capítulo III aponta-se a análise da informação recolhida bem como a discussão dos dados.

Decorrente das reflexões resultantes do estudo o capítulo IV é constituído por uma proposta de atividades e estratégias que visam promover uma boa adaptação das crianças ao JI. Por fim, as considerações finais que apresentam uma reflexão sobre a investigação realizada sobre a prática, as dificuldades sentidas e as limitações do estudo.

Capítulo I – Enquadramento teórico

1. Adaptação da criança em contexto jardim de infância

A adaptação em jardim de infância trata-se de um processo pelo qual a criança passa antes de começar a sua educação em contexto formal (Serralha, 2014). É um período frágil para a criança, pois implica que esta conheça outro “mundo” para além do seu meio familiar.

Neste período a criança passa por várias emoções tais como o choro, medo e ansiedade, e deve-se ao facto de esta ter de se separar dos pais. Para a criança, significa que perdeu os seus pontos de referência, o que destabiliza o seu equilíbrio cognitivo e emocional (Portugal, 1995). Nos seus primeiros anos de vida até atingir a idade de entrar no jardim de infância, a sua família, primeiro agente de socialização, esteve presente, vivenciou e ajudou a concretizar as suas primeiras etapas de desenvolvimento. Foi também aí que foram criados os primeiros vínculos. A vinculação é a ligação afetiva que a criança cria com um adulto de referência, ou seja, existe uma grande proximidade afetiva entre a criança – adulto. Por isso, a distanciação das suas pessoas referência provoca na criança sensações de insegurança, como refere Azevedo (2011) “A separação da mãe ou de outra pessoa que cuide dela, geralmente provoca na criança diversas sensações associadas ao medo, insegurança, tristeza entre outros (...)” (p.22).

Nos primeiros dias, ao vivenciar um contexto novo como o jardim de infância, a criança claramente vai demonstrar sentimentos e sensações de angústia, medo e insegurança, e por vezes, até de culpa. Receios que a criança pode não transmitir aos pais e a educadora, mas que se podem expressar em comportamentos desadequados como por exemplo, recusa de contato com a educadora e recusa em realizar atividades, entre outros. Por isso, é necessário compreender e fazer a criança sentir que pode levar o tempo que necessitar para se adaptar. E que o ambiente em que vai passar a maior parte do seu tempo é um espaço seguro, em que vai aprender e experienciar novas vivências.

É fundamental criar vínculos seguros, para que a criança possa sentir-se segura e confiante no seu “novo” meio, de modo a que esta possa livremente explorar o ambiente que a rodeia e associar as novas experiências ao seu conhecimento prévio. É de referir que a vinculação deve ser um processo gradual para a criança, sendo este elemento crucial para o seu desenvolvimento afetivo e social (Portugal, 1998).

Podemos afirmar que a adaptação ao jardim de infância é um momento marcante para a criança, porque perturba a sua esfera cognitiva e emocional. Por isso, é importante encarar este

processo como algo sério e de forma responsável, de modo a promover estratégias que vão ao encontro das necessidades e do bem-estar da criança (Pereira, 2015). Visto que cada criança é um ser único, com características, necessidades e interesses diferentes, é necessário valorizar essas especificidades. Deste modo, torna-se imprescindível respeitar o próprio ritmo da criança de modo a que esta possa ter uma adaptação gradual, e consiga estabelecer novos pontos de referência e também criar laços afetivos com as pessoas que a rodeiam.

A adaptação é realizada por duas ações: a assimilação e a acomodação. De acordo com Sim-Sim (1998) a acomodação é “[o] processo de reorganização cognitiva das estruturas do organismo como resposta a um estímulo exterior e que resulta na apreensão dos atributos estruturais da informação proveniente desse estímulo”. Por outro lado, a assimilação é “[o] processo através do qual o estímulo é incorporado nas estruturas cognitivas do sujeito, sendo deste modo interpretado pelo sujeito” (p.304).

Como refere Piaget (1958, citado por Borges, 2014) a assimilação existe “quando uma criança se depara com um problema para a satisfação das suas necessidades. Elas examinam o seu repertório de esquemas para resolvê-lo.” Por outro lado, a acomodação pode ocorrer “se a nova situação não puder corresponder aos esquemas da criança” (p.28). Logo, quando a criança interage com um meio que para esta é incógnito causa-lhe um desequilíbrio nessas duas ações, provocando uma rutura (Azevedo, 2011).

Portanto, para a criança se conseguir adaptar da melhor forma, é importante saber o que mais lhe desperta interesse. Neste caso, de acordo com Mendonça (2000, citado por Azevedo, 2011) é o jogo simbólico. A este propósito, aquele autor salienta a ideia de Piaget (1987) que “(...) considera que é através da prática de jogo simbólico que a criança de idade do jardim de infância ... desenvolve adequadamente a assimilação que juntamente com a acomodação a ajudam a adaptar-se ao mundo” (p.20).

Por esta razão, torna-se essencial neste período de adaptação encontrar estratégias em volta do jogo e do brincar, visto que é uma atividade natural da criança, e esta está mais predisposta e se sente confortável. Tal como é referido nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (OCEPE), “(...) brincar é a atividade natural da iniciativa da criança que melhor revela a sua forma holística de aprender (...) que promove o desenvolvimento e aprendizagem e se caracteriza pelo elevado envolvimento da criança (...)” (Lopes da Silva *et al.*, 2016, pp.10-11). Ao brincar a criança acomoda-se melhor ao seu novo mundo, fazendo com que as suas inseguranças prévias sejam esquecidas e criando novas experiências.

Já Aberastury (1972, citado por Rolim, Guerra & Tassingy, 2008) enfatiza que “a brincadeira infantil é um meio de pôr fora os medos, as angústias e os problemas que a criança enfrentou” (p.177). Estes autores salientam que também através do brinquedo a criança manifesta as suas emoções e sua realidade, isto é, constrói a sua própria realidade de modo “que lhe seja significativo e que corresponda às necessidades intrínsecas para [o] seu desenvolvimento global” (p. 177).

Logo é relevante na adaptação da criança permitir que esta possa trazer consigo para o jardim de infância um objeto, ou seja, um brinquedo: seja um boneco de peluche ou até uma manta que tenha para a criança um valor sentimental. Brazelton (1988, citado por Pereira, 2015) salienta que “uma criança que se serve do seu objecto preferido para a ajudar a adaptar-se ao mundo não tem de ser considerada como estando com um problema, visto que a maioria tem necessidades destas “muletas” (p.25). Estes objetos são chamados de transitivos porque têm particularidades e recordações de casa, e transmitem especialmente, conforto e segurança à criança quando esta está longe do seu meio familiar. É necessário que a família e o educador compreendam que não é um mero objeto ou brinquedo, mas que este tem uma grande importância no bem-estar e desenvolvimento da criança porque permite apaziguar as angústias e ansiedades que a criança sente nesse momento delicado. Eles reconfortam a criança nos momentos da sesta, nas horas de despedidas dos pais e, ainda, criam um elo de ligação casa – jardim de infância.

Inicialmente a transição de contexto não-formal para formal, particularmente de estar com a família e passar a integrar-se em jardim de infância, não é uma tarefa fácil nem para a criança nem para os pais. Contudo, ao entrar no jardim de infância a criança irá desenvolver novas competências e aptidões sociais que a ajudarão nas suas relações interpessoais. Como descrito por Formosinho (2007, citado por Azevedo, 2011) é importante que as crianças:

Frequentem a pré-escola é porque, nela e através dela, se desenvolvem competências e destrezas, se aprendem normas e valores, se promovem atitudes úteis para o desenvolvimento das crianças, para a sua inserção social, para o seu sucesso na escola e para a cidadania presente e futura (p.19).

Efetivamente, o jardim de infância é um espaço onde a criança se desenvolve e se constrói como futura cidadã em interação com outras crianças e também outros adultos. É um meio

intencionalmente educativo, culturalmente rico e estimulante, que deve ter em conta todas as necessidades, características e interesses da criança, pois só desta forma esta pode usufruir de novas e diferentes oportunidades de aprendizagem. É, de facto, um espaço em que se pretende que a criança consiga fortalecer relações afetivas estáveis e que seja respeitada e valorizada. E, sobretudo, que sejam proporcionadas as melhores condições de bem-estar e novas vivências através das interações com os outros e o meio que lhe rodeia (Lopes da Silva *et, al.* 2016).

2. Os contributos do jogo e do brincar no processo de adaptação da criança

Como já foi referido, é normal que uma criança ao conhecer um novo contexto necessite de tempo para absorver todas as novas informações, sobretudo quando ela passa de um contexto familiar para um contexto institucional. A transição não é uma tarefa fácil para nenhum dos intervenientes, especialmente para a criança que fica ansiosa, e por vezes, angustiada devido ao excesso de nova informação. Como foi anteriormente sublinhado, para que ocorra uma adaptação gradual ao novo contexto o jogo e o brincar assumem um papel de destaque.

O jogo/brincar são fatores importantes para a otimização dos comportamentos de ansiedade e angústia das crianças, que ocorrem especialmente no processo de adaptação. O jogo e o brincar são fundamentais para o desenvolvimento da criança porque auxiliam na construção da sua autonomia bem como na formação de atitudes positivas. As crianças em idade pré-escolar devem brincar pois esta atividade, sendo natural e intrínseca, permite-lhes expressarem-se, relacionarem-se socialmente e interpretarem o mundo que as rodeia. É algo que devemos considerar como uma ação séria da criança porque nas suas brincadeiras demonstra o seu verdadeiro “eu”. Isto é, encontra-se mais predisposta a dar-se a conhecer e ainda consegue apaziguar os seus medos e angústias. O brincar é uma das formas seguras que as crianças utilizam para encenarem os seus medos, as suas angústias e a sua agressividade, e através dela tentam elaborar formas de resolver os seus próprios conflitos. Na verdade, é no processo de brincar que se torna visível o desenvolvimento e o crescimento da criança porque é no brincar que esta constrói o seu “eu” e o mundo que a rodeia (Veigas, 2007). Por isso torna-se essencial que no período de adaptação o brincar esteja presente nas atividades iniciais do jardim de infância, como forma de minimizar as angústias e as inseguranças das crianças (Viegas, 2007).

O ato de brincar torna-se uma ferramenta essencial, e é algo que os educadores de infância devem promover nas suas práticas pedagógicas de modo a utilizarem como um instrumento de apoio para o desenvolvimento da criança (Vital, 2012). O brincar é uma ação livre da criança e

a atividade mais prazerosa, através dela descobre o mundo e a si mesma (Lopes da Silva, *et. al*, 2016). Como alguns autores referem, a criança brinca por várias razões: por pleno prazer, para expressar a sua agressividade ou até para dominar as suas angústias (Lopes da Silva, *et. al*, 2016; Vital, 2012; Viegas, 2007), como temos vindo a sublinhar.

De acordo com um estudo realizado (Gáll & Balint, 2014), um dos autores referenciados no estudo, Schiller (s.d), refere que o jogo é uma das formas de conhecer a criança e através dele consegue-se perceber o nível do desenvolvimento da criança, bem como as suas aptidões. Ao longo do estudo os vários autores dão importância ao jogo, referindo que é na idade pré-escolar que devemos proporcionar um ambiente propício ao jogo porque através dele as crianças desfrutam mais e sentem-se envolvidas no processo de aprendizagem. Além disso, estas ficam mais despertas para a existência de regras, assim como também evoluem gradualmente em termos de desenvolvimento moral.

Este estudo foi realizado a um pequeno grupo de vinte e três crianças de um jardim de infância em Brasov. Teve uma duração de seis semanas com um programa de vinte jogos com quatro categorias diferentes: jogos de conhecer o grupo, jogos de confiança, jogos de cooperação e jogos de desenvolvimento de espírito de equipa. Os resultados obtidos revelaram melhorias significativas nos comportamentos das crianças no período de adaptação ao ambiente do jardim de infância. Igualmente, a utilização de um método baseado em jogos de colaboração contribuiu ainda para o desenvolvimento de comportamentos sociais como aprender em conjunto com outras crianças, espírito de equipa e ainda autonomia nas decisões em grupo (Gáll & Balint, 2014).

Efetivamente, o jogo e o brincar ajudam a criança a construir relações afetivas e criar conhecimento acerca do mundo que as rodeia, ou seja, à medida que a criança vai interagindo com outras aprende a não ser tão egocêntrica nas suas brincadeiras. E torna-se capaz de desprender do objeto gradualmente, cedendo-o a partilhar e a relacionar com o outro (Vital, 2012).

De certo que o brincar é um meio essencial para a adaptação social pois promove vários aspetos fundamentais para o desenvolvimento da criança, como a interação com os outros, a linguagem, a aquisição do conhecimento, a imaginação e a criatividade. Como refere Viegas (2007):

[O] brincar é também uma oportunidade de as crianças se expressarem relativamente às suas relações sociais, de as interpretarem e de reflectirem acerca do seu papel, dos

parceiros e das relações entre si, e uma oportunidade para as reinterpretarem e transformarem (p.32).

Logo, torna-se imprescindível que os adultos compreendam estas ações como meios essenciais para o desenvolvimento global da criança. Os adultos, isto é, familiares e educadores de infância devem participar e interagir nas brincadeiras das crianças. Através dessas interações não só são criados laços afetivos como também enriquecem a atividade lúdica e estimulam a imaginação da criança. É necessário entender que a participação dos adultos nas brincadeiras das crianças não deve consistir apenas em fornecer brinquedos. Mas sim, em propiciar um ambiente de qualidade e introduzir nas brincadeiras das crianças diversas situações desafiadoras para que estas possam resolver por si próprias.

Assim, o adulto ao brincar com a criança deverá respeitar a sua atividade lúdica e apoiar os seus interesses. Tornando-se um companheiro e dinamizador da atividade, ou seja, sugerindo novas ideias para que a criança possa ir mais além das suas capacidades. Por isso, é que a intervenção do adulto é essencial no momento do brincar. Manter a sua participação ativa e disponível, mas sem intrometer-se.

De facto, o jogo e o brincar são dois contributos fundamentais para o crescimento da criança. Por um lado, o brincar é uma atividade livre e intrínseca da criança que permite a esta explorar e expressar os seus sentimentos. Por outro lado, o jogo ajuda a trabalhar a sua resistência e a sua frustração, principalmente nos jogos em que estão implícitos o perder e o ganhar. Outros jogos de cooperação e colaboração promovem o espírito de equipa e a entreatajuda, que podemos encontrar nos jogos tradicionais como a corrida de pés atados ou passar o arco. É de frisar que devemos recorrer a estes dois elementos no período de adaptação de modo a proporcionar momentos lúdicos e de tranquilidade para as crianças e as suas famílias.

3. A importância do envolvimento das famílias no processo da adaptação da criança

A família tem um papel fundamental no processo de adaptação da criança na entrada ao jardim de infância e no seu progresso, pois é nesta figura principal que a criança cria a primeira relação afetiva e social. É de referir que “A família é o primeiro e o mais importante berço do indivíduo, tendo como papel satisfazer as necessidades físicas, afectivas da criança, cumprindo também, a função mediadora entre a criança e o mundo social “(D’Antino,1998 citado por Azevedo, 2011, p. 8).

Por isso é extremamente importante que a família participe e colabore neste período, e que ajude a criança a explorar este novo ambiente que para a criança nas suas primeiras experiências no jardim de infância vai-lhe parecer um ambiente estranho e desconhecido. E, sendo a família essencial para o desenvolvimento da criança é crucial ser esta a auxiliar nos seus primeiros passos de integração e adaptação no jardim de infância. Salientando essa ideia, a autora Pereira (2015) dá relevância que:

A vinculação é, deste modo, entendida como uma área de conforto para a criança, onde esta se sente confiante, confortável e segura para ter possibilidade e as condições necessárias para conhecer o mundo que a rodeia, contanto sempre com o seu porto seguro (p.14).

Tendo em conta que a família é a primeira ligação que a criança tem, e é através dela que esta adquire competências básicas e significativas como: a autonomia na alimentação, os seus os primeiros passos e aprende a manusear os objetos. Assim como também adquire outras habilidades sociais que servirão como base para as suas vivências futuras (Martins, 2014).

A educação de infância surge como complemento desses mesmos ideais logo é preciso que estes dois sistemas se envolvam e colaborem em conjunto para poderem proporcionar as melhores condições de bem-estar e oportunidades de aprendizagem à criança. Para tal, é essencial que as famílias percebam que os educadores não os irão substituir de alguma forma, mas sim darão complementaridade ao trabalho educativo dos seus filhos.

Como está descrito na Lei-quadro, a educação de infância ou educação pré-escolar:

(...) é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da ação educativa da família, como a qual deve estabelecer estreita cooperação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário (Lei nº5/97, capítulo II, artigo 2.º).

Portanto, com a entrada no jardim de infância a família deve envolver-se em todo o seu processo de adaptação pois ela é a principal e responsável da educação da criança e desempenha um papel determinante nesta transição Família – JI (Lopes da Silva *et. al*, 2016). Desde logo é

necessário que a família conheça quer o espaço onde a sua criança irá vivenciar suas novas experiências, quer o educador responsável, procurando criar uma “ponte “de ligação entre Família – JI. Tal como refere Azevedo (2011) “É, pois, fundamental garantir uma comunicação fluida e eficaz entre a família e o jardim – de- infância para que a adaptação da criança a este contexto contribua para o seu desenvolvimento integrado” (p.26).

De seguida, quando tiver as informações necessárias e fundamentais é essencial que as famílias juntamente com as crianças visitem o jardim de infância e o/a educador/a, porque apenas ter um diálogo com a criança cria uma ideia vaga que, por vezes, pode causar-lhe mais ansiedade por antecipação (Azevedo, 2011). Como sublinha Cordeiro (2010, citado por Azevedo 2011), as famílias devem ir com as crianças conhecer o JI com o intuito de “mostrar o espaço de uma forma protegida, e criar algum apetite por ele, sem que os aspectos negativos a ansiedade de separação, tenham algumas hipóteses de surgir” (p.25).

No primeiro contato com a instituição é essencial que a família o faça com naturalidade, isto é, que os hábitos da criança se mantenham. Assim, se a criança usa chupeta esta não deve ser retirada simultaneamente com o início da sua vida no jardim de infância pois basta uma informação nova de cada vez. De modo a não perturbar e angustiar mais a criança.

É também importante que a família procure cumprir o horário de ir buscar, e não se atrase e compreenda que nos primeiros tempos a criança deve passar tempos curtos na instituição para que a sua adaptação seja gradual e não gere sensações de ansiedade e/ou abandono (Azevedo, 2011).

Tal como salienta o autor Santos (1974, citado por Borges, 2014) a adaptação “deve ser alcançada naturalmente, convindo deixar que a Natureza trabalhe. Por um lado, a escola, por outro, a família, devem valer para que a adaptação não seja contrariada favorecendo-a por uma compreensão mútua” (p.29).

Não só é imprescindível que as famílias participem e se envolvam com o jardim de infância para contribuir para uma boa relação entre “escola – família”. Mas ao existir essa colaboração fortalece as aquisições de aprendizagens da criança (Martins, 2014). Ao conhecer as famílias das crianças, acabamos por compreender os seus traços estruturantes. Isto é, a criança traz consigo toda uma “bagagem”, sendo uma delas, o seu contexto familiar e importa conhecê-lo pois esta também influencia a sua maneira de ser.

Tal como sabemos as crianças não são seres sem sabedoria, estas são “portadoras de uma cultura que tem influência na forma com se exprimem nas variadas situações sociais, para

compreendê-las pelo que fazem importa conhecer os traços estruturantes dos seus contextos familiares” (Martins, 2014, p.42).

A família sendo fundamental para o desenvolvimento da criança tem o direito e o dever de ser convocada para fazer parte do processo educativo da mesma. Efetivamente, a inclusão das famílias no processo de adaptação facilita e ajuda a criança na sua integração no jardim de infância (Lopes da Silva *et al.*, 2016; Serralha, 2014; Azevedo, 2011).

4. O papel do educador como facilitador/mediador do processo de adaptação

O jardim de infância é um espaço onde a criança é livre para explorar a sua curiosidade natural, e através dela compreende e dá sentido ao mundo que a rodeia. O educador de infância é um profissional que tem formação e competências necessárias para educar e cuidar de crianças com idades compreendidas do zero aos seis anos. Como tal, este deve ser um adulto responsável e atento para conseguir corresponder às necessidades e aos interesses da criança. De modo a proporcionar as melhores condições de aprendizagens e de bem-estar, e ainda, adotar as práticas pedagógicas de acordo as características singulares de cada criança.

Portanto, no período de adaptação o educador deve estar particularmente atento à personalidade da criança especialmente na parte afetiva. Assim, é essencial que o educador forneça condições que possam proporcionar à criança instituir novas relações seguras fora do seu ambiente familiar (Azevedo, 2011).

É fundamental que o educador consiga estabelecer um vínculo afetivo com a criança, pois essa vinculação vai permitir que esta se sinta mais segura para poder explorar, brincar e essencialmente interagir com outras pessoas (Azevedo, 2011). Além disso, o educador de infância vai relacionar-se diariamente com a criança. Logo é essencial que esta relação afetiva seja bem fundada para que possa gradualmente ajudar a criança a desenvolver-se como ser autónomo, social e responsável (Santos, 2013). Neste sentido Gossen e Van Ljzendoom (1990, citado por Azevedo, 2011) afirmam que:

a qualidade da relação entre a criança e o educador está interligada com a sensibilidade do mesmo. Oferecendo um ambiente calmo, sensível e estável, transmitindo-lhe segurança, poderá levar a criança a estabelecer uma vinculação segura e sentir-se compensada do *stress* gerado pela separação da mãe (p.27).

A relação que o educador cria com o seu grupo de crianças, e individualmente com cada uma, ocorre em todos os momentos da rotina diária do jardim de infância. E é através desse contacto diário que as crianças têm com o educador, que se constrói uma relação de proximidade afetiva. Este suporte afetivo seguro, permite à criança criar outras interações como criança – criança e criança – objeto. Além disso possibilita que esta consiga sentir-se confortável e segura em qualquer ambiente, de modo a poder brincar e explorar. (Azevedo 2011).

Igualmente o educador deve desenvolver uma ligação com a família tranquilizando-os e ganhando a sua confiança. A construção desta relação com a família permite ao educador de infância recolher informações importantes sobre a criança. Com efeito, há que ter atenção que o período de adaptação é um processo delicado que não afeta só a criança, mas como também a sua família. Portugal (1998), refere que os pais normalmente respeitam e apreciam o trabalho dos educadores quando estes compreendem o que os educadores pretendem cumprir, e ainda, quando estes desenvolvem relações respeitadas e aceitantes. Assim, torna-se indispensável que o educador demonstre atitudes de respeito e compreensão que tenham em conta os diferentes contextos culturais e os valores das famílias das crianças (Portugal, 1998). A este propósito Serralha salienta que:

o bem-estar emocional da criança baseia-se na relação saudável que a educadora mantém com a família da criança. O trabalho que é desenvolvido com as famílias é preponderante para o bom funcionamento de um trabalho de parceria e de continuidade (2014, p.11).

Por isso é que o educador de infância deve preparar a criança e a sua família um bom acolhimento, no primeiro dia de jardim de infância, de modo a otimizar as ansiedades e as inseguranças iniciais que ambas as partes possam sentir (Serralha, 2014).

É de referir que o educador ao demonstrar atitudes de afeto e ternura consegue otimizar o processo de adaptação, pois ao transmitir à criança esses sentimentos esta sentir-se-á mais segura de si e mais confortável junto do educador. A este propósito a autora Serralha (2014) argumenta que:

A afetividade e a ternura são os dois aspetos que o educador enquanto meio facilitador de um processo de adaptação deve ter em atenção em transmitir sempre que é possível estes sentimentos à criança, contribuindo para a construção de uma convivência equilibrada (p.11).

O educador deve incidir, nesta fase, toda a sua ação pedagógica no bem-estar da criança, isto é, tendo em conta os interesses e as necessidades da mesma. De modo que a criança possa adquirir novas competências e desenvolver-se nas melhores condições possíveis. É importante que o educador como promotor da autonomia e da aprendizagem da criança, crie situações desafiadoras para que esta consiga tomar as suas próprias decisões e resolver os seus próprios desafios.

E, ainda, é fundamental que o educador estimule na criança o brincar, pois o “brincar é o meio privilegiado de aprendizagem que leva ao desenvolvimento de competências transversais a todas as áreas do desenvolvimento e aprendizagem” (Lopes da Silva, *et, al*, 2016, p.12). Ao valorizar esta atividade mais natural da criança, o educador promove a aprendizagem de uma forma mais lúdica e mais prazerosa para a mesma, pois é através do brincar que a criança está mais predisposta e confortável para interagir com outros e aprender.

Outro aspeto relevante que o educador deve ter em conta relativamente ao bem-estar da criança é o ambiente, especialmente neste período de adaptação. O educador deve propiciar um ambiente calmo, seguro e estimulante para que a criança se sinta confortável no novo espaço (Pereira, 2015) procurando

(...) proporcionar um ambiente agradável, calmo, recheado de objetos que revelem interesse para a faixa etária das crianças, que esteja ao alcance delas e que seja desafiante. As crianças necessitam de se sentir confortáveis, mas também necessitam de desafios que as façam aprender segundo as suas necessidades do momento (...) (Pereira, 2015, p. 24).

Nesta fase de adaptação o educador deve incentivar a criança a explorar o novo ambiente. Assim é importante que o ambiente seja acolhedor bem como estimulante para a criança ser cativada e estimulada. Além disso, no jardim de infância as rotinas têm um papel muito importante, estas “atuam como organizadoras estruturais das experiências quotidianas, pois esclarecem a estrutura e possibilitam o domínio do processo a ser seguido (...)” (Zabalza, 1998,

p.52). Contudo, nos primeiros dias de contacto o educador deve possibilitar uma maior flexibilidade nas rotinas para que a criança, ao seu próprio ritmo, consiga gradualmente ambientar-se ao novo espaço.

Efetivamente o educador tem um papel fundamental no processo de adaptação das crianças, porém este não deve exercer a sua ação pedagógica apenas entre si pois existem outros intervenientes que contribuem na otimização deste processo. Ou seja, no processo de adaptação, o educador deve interligar a sua ação pedagógica com os outros intervenientes do ambiente educativo com base numa perspetiva sistémica e ecológica. Esta orientação está presente nas OCEPE quando referem explicitamente que “(...) o desenvolvimento humano constitui um processo dinâmico de relação com o meio, em que o indivíduo é influenciado, mas também o meio em que vive” (Lopes da Silva, *et al.*, 2016, p.21). Assim, quando a criança entra pela primeira vez no jardim de infância, não é apenas influenciada por esse meio. Existem outros intervenientes como a família e a sociedade que apesar de desempenharem papéis e funções diferentes dão complementaridade à educação das crianças promovendo a melhor qualidade da educação.

Tal como salienta Borges (2014) “cada criança enfrenta a fase de adaptação de uma forma dissemelhante, no entanto seja a adaptação fácil ou difícil, esta envolve não só a criança, como a família, educadores/as e professores/as (...)” (p.28). Por isso é que se torna necessário, o educador criar este elo de ligação com a sua equipa educativa e a família da criança, para proporcionar a esta um melhor bem-estar, segurança e confiança.

A educação de infância é a etapa em que a criança tem tempo de explorar e experienciar as suas capacidades, logo, é necessário que o educador respeite o ritmo de cada criança. Antes da criança entrar num contexto formal, esta traz consigo uma bagagem cheia de experiências e vivências, portanto, é importante que o educador valorize essas mesmas experiências.

O educador deve ter em conta que cada criança é um ser único com interesses, motivações e capacidades diferentes e a partir dessas singularidades deve planear toda a sua ação pedagógica.

Concluindo, o educador tem um papel extremamente importante no desenvolvimento da criança e nas suas aprendizagens. Tal como refere Portugal (1998), “O educador tem um importante papel ao nível da estimulação da curiosidade da criança, de novas capacidades e impulsos de autonomia e independência. Através do uso da linguagem e gestos, o adulto tem um papel mediador das aprendizagens” (p.207).

Capítulo II – Metodologia de Investigação

1. Natureza do estudo

O trabalho que se apresenta incide num estudo de natureza qualitativa sendo que a sua principal intencionalidade assenta numa perspetiva descritiva e compreensiva. Isto porque descreve de forma clara o objeto de estudo, menciona as características e os acontecimentos da problemática na procura da sua compreensão. O interesse pela problemática da investigação surgiu no desenrolar da Prática de Ensino Supervisionada em contexto jardim de infância, face à permanente entrada e saída de crianças no grupo em que estive integrada, bem como em toda a instituição. Perante este cenário, surgiu a curiosidade de compreender como decorre o processo de adaptação: em observar, entender e refletir sobre este.

Por isso, considerou-se que a abordagem qualitativa seria a mais adequada para esta estudo visto ter o “potencial para construir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objeto de estudo” (Bogdan & Biklen, 1994, p.49). É de referir que numa investigação qualitativa os investigadores “interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos” (Bogdan & Biklen, 1994, p.49), e esta investigação centrou-se essencialmente em todo o processo pois ao longo dela surgiram variantes que condicionaram os dados.

O presente estudo consistiu na observação direta e participativa, em que foi necessário observar de forma cuidada e atenta todos os aspetos que envolviam o meio social. Através desta técnica o investigador pretende “(...) compreender, num dado meio social, um fenómeno que lhe é exterior e que lhe vai permitir integrar-se nas actividades/vivências das pessoas que nele vivem, realizando desta forma o trabalho de campo” (Sousa & Baptista, 2011, p. 89). Foi preciso descrever, registar e refletir sobre os acontecimentos. Para tal recorreu-se a notas de campo que são fundamentais para este estudo. Na verdade, a investigação qualitativa “baseia-se em notas de campo detalhadas, precisas e extensivas” (Bodgan & Biklen, 1994, p.150). Outras formas de recolha de dados foram as entrevistas semiestruturadas e inquérito por questionário. Com estas duas formas de recolha de informação pretendeu-se compreender como as educadoras de infância e os encarregados de educação percecionavam o processo de adaptação.

2. Questão de investigação

O presente estudo teve como questão partida: Como decorre o processo de adaptação das crianças ao contexto de jardim de infância?

3. Objetivo geral

- Compreender o processo de adaptação de um grupo de crianças numa sala de jardim de infância.

3.1. Objetivos específicos

- Caracterizar/descrever o processo de adaptação de um grupo de crianças a uma sala de jardim de infância
- Saber como as educadoras de infância preparam o período de adaptação.
- Saber qual o papel das famílias no processo de adaptação.
- Compreender o papel do jogo/brincar no processo de adaptação.
- Identificar obstáculos/dificuldades à adaptação.

4. Participantes

O estudo incidiu sobre um grupo heterogéneo de dezassete crianças com idades compreendidas entre dois e quatro anos. A composição do grupo e o seu número sofreu alterações ao longo do estudo, em particular nos primeiros meses de início do ano letivo, devido à entrada e saída de crianças. Inicialmente em setembro, o grupo era constituído por vinte e cinco crianças; em outubro passaram a ser quinze e finalmente, estabilizou em dezembro com dezassete crianças. Destas dezassete crianças, dez são do sexo masculino e sete do sexo feminino, e com idades compreendidas entre dois e quatro anos (tabela 1).

Idade	Feminino	Masculino	Total
2	4	2	6
3	2	7	9
4	0	2	2
Total	6	11	17

Tabela 1 - Participantes no estudo: crianças

Para além das crianças, o estudo contou ainda como participantes: duas educadoras de infância (EA e EB), sendo que uma das delas exercia a função de coordenadora pedagógica. E os encarregados de educação das crianças. As educadoras de infância tinham vinte e três e vinte e cinco anos de serviço. A educadora A (EA) com funções de Coordenação Pedagógica desempenhava estas funções há dezassete anos. As suas idades quarenta e oito e quarenta e nove (tabela 2).

Funções	Idade	Tempo de serviço
Educadora de Infância da sala	48	23
Educadora de Infância/Coordenadora Pedagógica	49	25

Tabela 2 - Participantes no estudo: educadoras de infância

5. Procedimentos metodológicos

Como foi referido, o estudo seguiu uma abordagem predominantemente qualitativa “(...) é um método de investigação que procura descrever e analisar fenómenos sociais. Partilha semelhanças com os métodos de relações humanas na medida que, como parte de recolha de dados, devemos escutar correctamente, colocar questões pertinentes e observar detalhes” (Bogdan & Biklen, 1994, p.291). Pretende-se compreender uma determinada realidade e conhecer de forma mais esclarecedora o objeto de estudo (Bogdan & Biklen, 1994). No processo de compreensão da adaptação ao contexto de jardim de infância o estudo procura descrever o que ocorre. Assim passa também a ser uma investigação qualitativa descritiva, que “produz dados descritivos a partir de documentos, entrevistas e da observação e por tal a descrição tem que ser profunda e rigorosa” (Sousa & Baptista, 2011, p. 57). As técnicas de recolha de informação utilizadas neste estudo são: observação, notas de campo, entrevistas semidiretivas, questionário e ao portefólio elaborado durante a PES.

5.1. Observação direta e participante

É de referir que a observação foi realizada de forma contínua, isto é, desde o primeiro dia até ao último dia de PES, e durante todos os momentos da rotina de jardim de infância. Este período decorreu entre vinte e cinco (25) de setembro e vinte (20) de dezembro. Foi pouco tempo visto que o grupo apenas se estabilizou em dezembro, não tendo sido possível recolher dados que permitissem uma análise mais profunda e exaustiva. Contudo, com as devidas reservas da informação recolhida foi considerada. Esta observação consistiu em conhecer as características, as necessidades e os interesses das crianças bem como os seus comportamentos e atitudes. Com a observação direta e participante procurou-se compreender e refletir sobre as dinâmicas entre criança – criança e adulto – criança. Efetivamente, “Na observação participante é o próprio investigador o instrumento principal de observação. Ele integra o meio a “investigar”, podendo assim, ter acesso às perspetivas das pessoas com quem interage (...)” (Sousa & Baptista, 2011, p. 88).

Enquanto estagiária da PES observei as crianças no seu contexto natural, neste caso no jardim de infância, recorrendo a uma observação direta “(...) aquela que o próprio investigador procede directamente à recolha das informações, sem dirigir aos sujeitos interessados” (Quivy & Campenhoudt, 2003, p. 164).

A recolha de informação durante o período de observação ocorreu na forma de registos em notas de campo, que serão abordados no seguinte ponto, e também registos em grelha referentes às atividades desenvolvidas com as crianças com o intuito de compreender a sua adaptação e integração social entre elas. Procedeu-se a um registo sistemático, semanalmente, em grelhas construídas tendo por referência as linhas orientadoras da OCEPE na área da Formação Pessoal e Social. Assim, foram observados os seguintes aspetos: A criança adere à proposta de atividade; A criança espera pela sua vez na realização de jogos e na intervenção de diálogos; A criança contribui para a elaboração das regras de vida em grupo; A criança reconhece a necessidade de regras e procuram em cumpri-las; A criança demonstra comportamentos de apoio e entretajuda; A criança apresenta respeito pelo outro; A criança interage e solidariza-se com os outros (Apêndice I).

As observações decorreram apenas entre novembro e dezembro pois só durante este período se iniciaram as atividades com as crianças, ou seja, após a estabilização do grupo.

5.2. Notas de campo

As notas de campo são essenciais para registrar e refletir os acontecimentos que decorreram no trabalho de campo, são “o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e reflectindo sobre os dados (...)” (Bogdan & Biklen, 1994, p.150). Nesta investigação estes registos surgiram sob forma de um diário onde foram registadas as notas de campo, pois no meio do dia e no fim do dia eram elaboradas para descrever os momentos mais significativos, os aspetos e pormenores importantes que de alguma forma pudessem contribuir para o objeto de estudo. Ou seja, as notas de campo assumem a forma de um diário pessoal, pois auxiliam o investigador no registo de ocorrências relacionadas com a realidade em estudo, mas também no processo de investigação, ajudando a perceber onde surgiram alterações ao longo do projeto de investigação (Bogdan & Biklen, 1994). Estes registos serviram para complementar a observação e permitir documentar todos os momentos e aspetos mais significativos sobre a adaptação das crianças (Apêndice II).

Procurou-se que as notas de campo fossem simples e claras quanto possível e respondessem a duas funções: a primeira é descritiva, onde se pretende registrar os acontecimentos, conversas informais, pessoas e ações; a segunda é reflexiva, centrada no ponto de vista do observador, isto é, são apresentadas as suas ideias e as suas preocupações (Bogdan & Biklen, 1994).

5.3. Portefólio

Durante a parte prática da PES, ou seja, no decorrer do período de realização da iniciação à prática de ensino supervisionada em contexto jardim de infância foi construído um portefólio. Este integra observações, planificações e propostas de atividades, registos e reflexões, informação pertinente também para o presente estudo sempre que se mostre relevante.

5.4. Entrevistas semiestruturadas

As entrevistas foram realizadas às duas educadoras de infância, uma das quais, como já foi referido noutra parte, exerce a função de coordenadora pedagógica na instituição. Esta técnica consiste numa conversa intencional realizada, normalmente entre duas pessoas, e permite que o investigador desenvolva uma ideia sobre a forma como os sujeitos interpretam as questões colocadas (Bogdan & Biklen, 1994).

Recorreu-se à técnica de entrevista semiestruturada, porque se considerou a mais adequada para recolher as opiniões e as perceções das educadoras face à adaptação. Este tipo de entrevista consiste numa interação verbal mais flexível, ou seja, o entrevistador tem maior flexibilidade em poder repetir, esclarecer, formular de outra forma as questões de modo a ter a certeza que está a ser entendido. Assemelhando-se a uma conversa, permite obter informações através de um diálogo fluído, de questionamento e esclarecimentos que dão liberdade ao respondente garantindo uma compreensão mais profunda do tema em estudo.

Para concretização das entrevistas elaborou-se um guião orientador com uma sequência de questões abertas pré-estabelecidas, permitir uma maior liberdade ao entrevistado. Este guião possibilita ao entrevistador orientar a entrevista evitando que o entrevistado se afaste dos objetivos. Por outro lado, o entrevistado tem flexibilidade para falar e sempre que o entrevistador considerar o momento oportuno coloca de novo a questão (Quivy & Campenhoudt, 2003).

O guião das entrevistas foi elaborado com intuito de saber como as educadoras se preparam para o período de adaptação e quais foram as dificuldades sentidas neste período letivo (Apêndice III). As entrevistas foram realizadas depois de finalizada a PES, entre os meses de fevereiro e março, de acordo com a disponibilidade das entrevistadas. As entrevistas foram gravadas, transcritas e sujeitas a análise de conteúdo (Apêndice IV).

5.5. Inquérito por questionário

O inquérito por questionário foi aplicado aos encarregados de educação das crianças. Com este instrumento pretendeu-se recolher informação sobre as perceções das famílias em relação ao período de adaptação dos seus educandos. Apesar de no inquérito por questionário não existir interação direta entre o investigador e os inquiridos, permite a compreensão do ponto vista dos mesmos mediante a resposta às perguntas fechadas, colocadas em igualdade, de circunstâncias a todos os inquiridos (Sousa & Baptista, 2011).

Considerou-se que esta abordagem seria mais adequada para estes participantes visto que a disponibilidade dos encarregados de educação e das famílias são limitadas, além disso esta técnica possibilita ao inquirido expressar a sua opinião sem afastar dos objetivos do investigador. As questões do questionário foram de tipo misto, ou seja, questões abertas e fechadas, de modo a ter uma maior recolha das opiniões/perceções dos inquiridos (Apêndice

V). Os questionários, foram aplicados, também, após a conclusão da PES, no mês de março. Dos dezassete questionários entregues apenas foram devolvidos dez.

Capítulo III – Análise e discussão dos dados

Neste capítulo será apresentado de uma forma descritiva e interpretativa a análise dos dados obtidos, através dos instrumentos e procedimentos metodológicos anteriormente apresentados. Assim sendo, nesta fase serão analisados todos os dados recolhidos que serviram como suporte deste estudo, com o intuito de dar resposta aos objetivos do estudo.

3.1. O processo de adaptação: a constituição do grupo

Um dos aspetos que marcou o processo de adaptação do grupo de crianças observado foi a situação de instabilidade até à constituição do grupo definitivo. Em menos de um mês verificou-se uma grande saída de crianças na sala e em pouco tempo o grupo reduziu de vinte e cinco crianças para dezassete. Neste período observou-se que a saída das crianças para outras instituições não só destabilizou o grupo, mas também fez com fosse mais difícil o período de adaptação. Pois o grupo original encontrava-se ainda na descoberta das suas motivações e interesses, ou seja, estas crianças, apesar de terem idades compreendidas entre os três e os quatro anos necessitavam de tempo para explorar as rotinas diárias e as atividades que eram desenvolvidas. A entrada de mais quatro crianças de dois anos, levou ao reiniciar do processo de adaptação, tendo sido necessário encontrar estratégias adequadas às características do grupo, visto que se tornou um grupo heterogéneo (Notas de Campo, 23/10, Apêndice II).

Neste seguimento, a principal adequação em termos de estratégia que se verificou foi o reajustar a organização do tempo, de modo a proporcionar às crianças mais novas uma adaptação gradual e adequada aos seus ritmos. Portanto, neste período observou-se que foi necessário prolongar as horas de acolhimento através de afetos e brincadeiras livres, pois as crianças mais novas precisavam de mais tempo para se acalmar e desfrutar do resto do dia, assim como o resto do grupo. Algumas destas crianças demonstravam comportamentos mais angustiantes devido ao facto de nunca terem estado em contexto institucional (Nota de campo, 3/11, Apêndice II), outras, como já tinham estado em creche, foram-se gradualmente integrando no grupo e nos momentos das rotinas. Houve duas crianças, que apresentaram um choro no momento da separação dos pais, mas durante o resto do dia demonstraram comportamentos positivos. É de referir que uma delas, ao longo do dia, andava constantemente agarrada ao seu peluche, o que lhe transmitia calma e segurança (Nota de campo, 6/11, Apêndice II). Estes são objetos que permitem apaziguar as angústias e ansiedades iniciais que as crianças possam sentir

no período de adaptação, devendo os adultos compreender a importância de permitir trazer um brinquedo e não o considerar como problema (Brazelton, 1998 citado por Pereira, 2015).

O grupo em si só esteve estabilizado e adaptado no princípio de dezembro, o que também limitou este estudo e as atividades que foram desenvolvidas, como já aqui foi referido.

3.2. O processo de adaptação: atividades desenvolvidas

Dada a situação de instabilidade do grupo e a constante readaptação das crianças, surgiram algumas limitações nas atividades propostas. Como estagiárias temos nesta fase do mestrado de colocar em prática as principais funções de uma educadora. Uma das suas funções consiste na elaboração e concretização de atividades de acordo com os documentos pedagógicos da instituição, como o Projeto Educativo e Projeto Curricular de Grupo (PCG). As atividades planeadas deviam ter em atenção o PCG, pelo que inicialmente tinham os seus objetivos centrados no tema dos valores e das emoções. Porém devido à situação de instabilidade do grupo o PCG da sala não chegou a ser concluído e as atividades foram conduzidas tendo em atenção os interesses e motivações que o grupo foi evidenciando. Assim, não havendo um projeto que desencadeasse este período de adaptação as atividades planificadas e observadas não foram especificamente pensadas para promover o processo de adaptação.

A observação centrou-se nos comportamentos e nos sentimentos que as crianças estavam a vivenciar no que se refere ao processo de interação criança/criança, tendo como linha de orientação os aspetos referidos anteriormente: a criança adere à proposta de atividade; a criança espera pela sua vez na realização de jogos e na intervenção de diálogos; a criança contribui para a elaboração das regras de vida em grupo; a criança reconhece a necessidade de regras e procura cumpri-las; a criança demonstra comportamentos de apoio e ajuda; a criança apresenta respeito pelo outro; a criança interage e solidarizar-se com os outros. As observações foram registadas em grelhas e notas de campo diárias. Estas ferramentas, como já referidas no capítulo anterior auxiliaram na compreensão de quais seriam as atividades mais adequadas para o grupo, e de que forma se podia promover a segurança e bem-estar às crianças, e ainda se estas atividades iriam criar momentos de ajuda e apoio entre as mesmas.

Primeiramente foi preciso compreender como motivar as crianças. Para tal foi necessário observar atentamente as suas rotinas diárias de modo a descobrir quais eram os seus interesses e necessidades. Através das observações diárias, tal como os registos percebeu-se que o grupo se interessava pelas artes plásticas, nomeadamente pinturas e, ainda, apreciavam

muito as construções de legos (Notas de campo, Apêndice II). Logo, para ter uma maior adesão às atividades optou-se por ir ao encontro do grupo e proporcionar momentos de aprendizagens tendo em conta esses requisitos, como por exemplo, pintar desenhos de castanhas com a utilização da técnica de pintura com legos (Portefólio da PES, 2018).

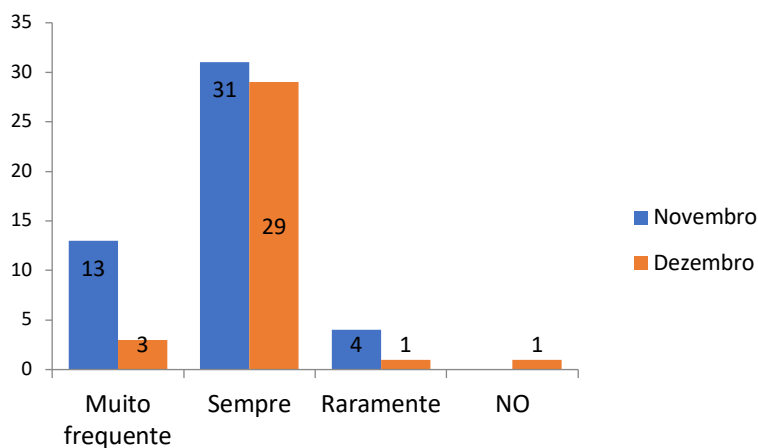


Gráfico I – Frequência da adesão às propostas de atividades, por mês

As crianças aderiram bem às atividades propostas (Gráfico I) verificando-se que a maioria apresentou comportamentos de adesão Sempre e Muito Frequente entre novembro e dezembro. Ou seja, nestes dois meses as crianças demonstraram um grande interesse e motivação nas propostas, indiciando recetividade e adaptação ao contexto da sala e ao grupo. O que sugere que as atividades desenvolvidas ajudaram neste processo, aspeto salientado pela educadora que menciona na sua entrevista que as crianças ao partir da novidade e atividades diferentes, acabam por se adaptar ao novo ambiente: *Tentamos partir pela novidade, atividades diferentes e novas. Tivemos cá a estagiária, que neste caso ajudou bastante com atividades, ideias e novidades. E as crianças pela novidade acabam por se adaptar ao novo ambiente.* (Entrevista EA, Apêndice IV).

Outro aspeto que foi possível observar, foi que as crianças normalmente na hora do tapete, onde sempre que possível iniciávamos a manhã a leitura de uma história, não estavam calmas, revelavam comportamentos de muita excitação e os mais novos apresentavam alguma ansiedade. Porém, observou-se que nas aulas de música, lecionadas por outro professor, este tocava música, os seus comportamentos já eram diferentes, mostravam-se mais atentas e descontraídas, especialmente as crianças mais novas do grupo (Notas de campo, 27/11 Apêndice II). Depois de refletir sobre essa observação, optou-se por usar como estratégia a

caixinha de música para promover momentos calmos antes de iniciar o dia ou antes da leitura de uma história. Para além de proporcionar concentração e pequenos momentos de silêncio para poder ouvir a caixinha, houve vários momentos de entreajuda e apoio dos mais velhos com as mais novas, ao auxiliar a rodar a manivela da caixinha de música (Portefólio da PES, 2018).

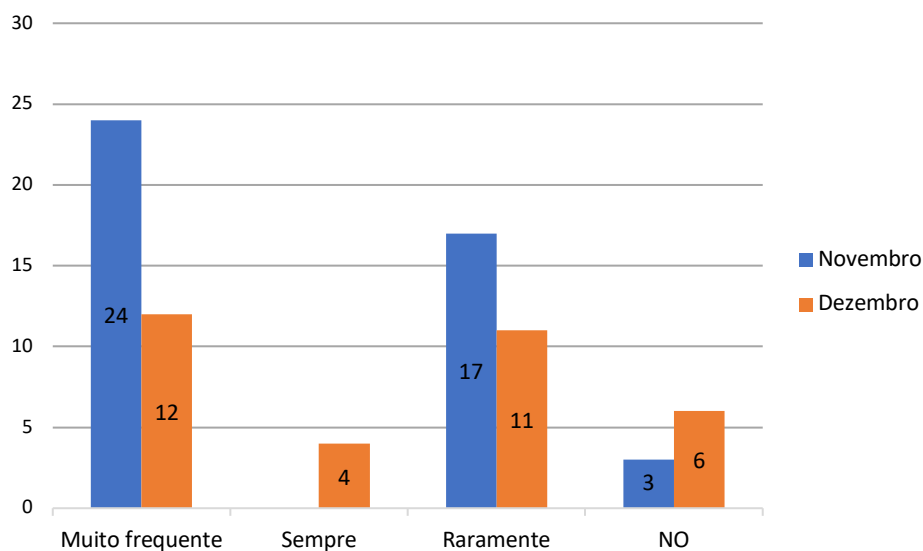


Gráfico II - Frequência dos comportamentos de entreajuda, por mês

Como se pode observar no gráfico II no mês de novembro foram mais visíveis comportamentos de entreajuda e apoio entre pares do que em dezembro. Contudo, o número de casos de ausência de apoio e entreajuda na categoria “Raramente” diminuiu o que pode ser entendido como indiciando uma maior coesão do grupo. No entanto, o número de casos na categoria Não observados (NO) aumenta. Dado o reduzido número de observações em dezembro não é possível avançar com nenhuma possível explicação.

Além de ter sido possível verificar nas atividades alguns aspetos que estão nas grelhas, noutros momentos da rotina também eram mais visíveis especialmente as interações criança/criança, como nas suas brincadeiras livres realizadas no exterior ou depois da hora da sesta em que duas crianças ajudaram uma das mais novas a calçar os seus sapatos (Notas de campo, 27/11, Apêndice II). Assim, as interações das crianças apesar de existirem em alguns momentos das atividades orientadas também estavam presentes nas restantes rotinas do dia. E tal como salienta Viegas (2007), é no meio do brincar que a criança desenvolve as suas relações sociais e através dele que são proporcionadas as interações com o outro e, ainda promove outros

aspectos que são fundamentais para o seu desenvolvimento, tais como a criatividade e a imaginação.

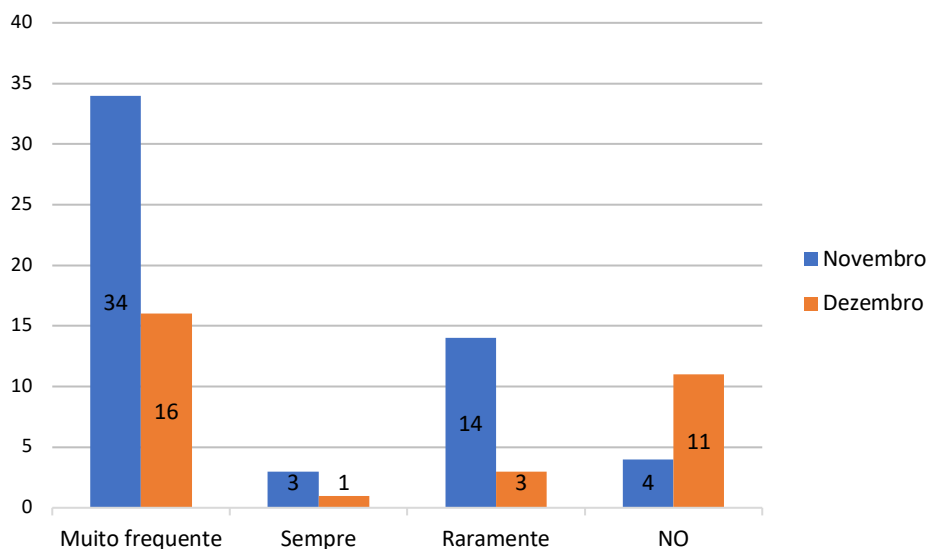


Gráfico III - Frequência das interações entre as crianças, por mês

Neste gráfico, identifica-se uma pequena evolução considerável no mês de dezembro, existem menos comportamentos de “raramente”, indiciando que o grupo estava mais adaptado o que se refletia em interações mais positivas. Contudo, o número de observações foi muito reduzido neste período, não sendo possível qualquer inferência.

Apesar de não ter existido um programa de atividades orientado para a adaptação, ambas as educadoras referem que as atividades desenvolvidas neste período visaram essencialmente a interação e a socialização entre as crianças pois é o objetivo principal numa primeira fase, mais tarde surgem os outros tipos de atividades com as crianças (Entrevistas EA e EB, Apêndice IV). Apesar do curto período de observações e registo, os resultados revelam maior número de interações positivas dentro do grupo à medida que este estabilizava (Gráfico IV). Além disso, foi notória a receptividade das crianças à minha pessoa, sentindo-se que durante este período foi crescendo a confiança, algo que não acontecia nas primeiras semanas da prática (Portefólio da PES, 2018).

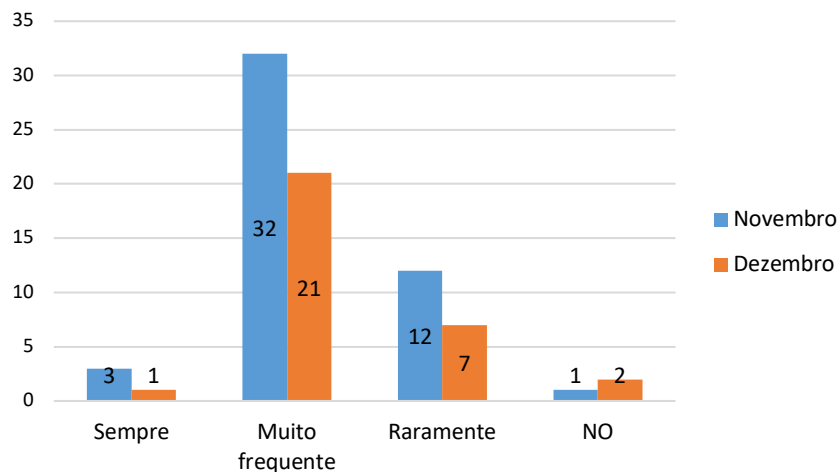


Gráfico IV - Frequência das interações de respeito entre as crianças, por mês

Como podemos verificar neste gráfico no mês de dezembro há menos resultados de comportamentos “raramente” que diminui comparativamente com o mês anterior. O que pode indicar que o grupo nesse mês já apresentava menos comportamentos “desrespeito”.

Outro aspecto que se verificou logo no início antes de começarmos com a readaptação das crianças e das rotinas. Foi a necessidade de as crianças conhecerem e compreenderem as regras de convivência em grupo, como por exemplo: arrumar os brinquedos; espera pela sua vez e escutar o outro.

Para promover os valores de respeito pelo outro, de cooperação e de cumprimento de regras, a educadora cooperante apresentou às crianças literatura para infância selecionada com esses objetivos. Por exemplo, a história de um urso que não arrumou os brinquedos e o papá urso caiu. As histórias podem ter contribuído para uma maior participação das crianças na elaboração das regras do grupo (sete em novembro e onze em dezembro - Gráfico V). Contudo, mais uma vez há que ter em consideração que os dados são poucos para poder estabelecer uma relação entre o contar de histórias e os comportamentos das crianças.

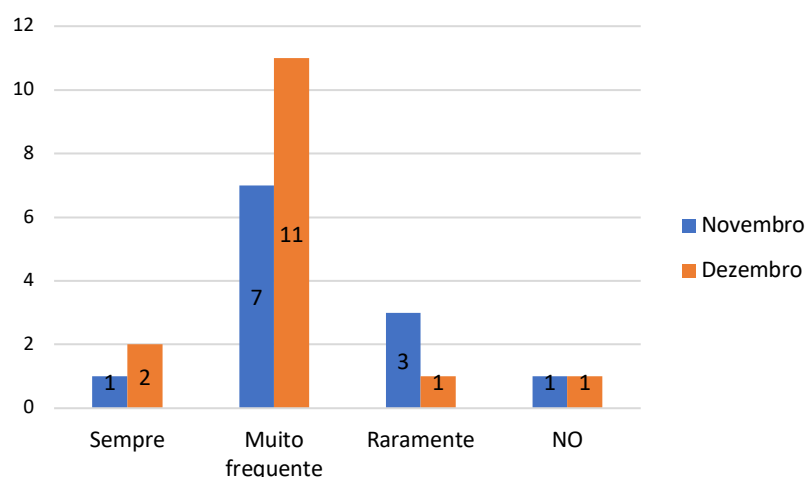


Gráfico V – Frequência na participação na elaboração das regras, por mês

Os resultados que se apresentam no gráfico VI são disso reveladores: se os dados anteriores revelam uma maior participação na elaboração das regras, aqui é visível que eles não compreendem que as devem cumprir. Ou seja, revela uma inconsistência de comportamentos.

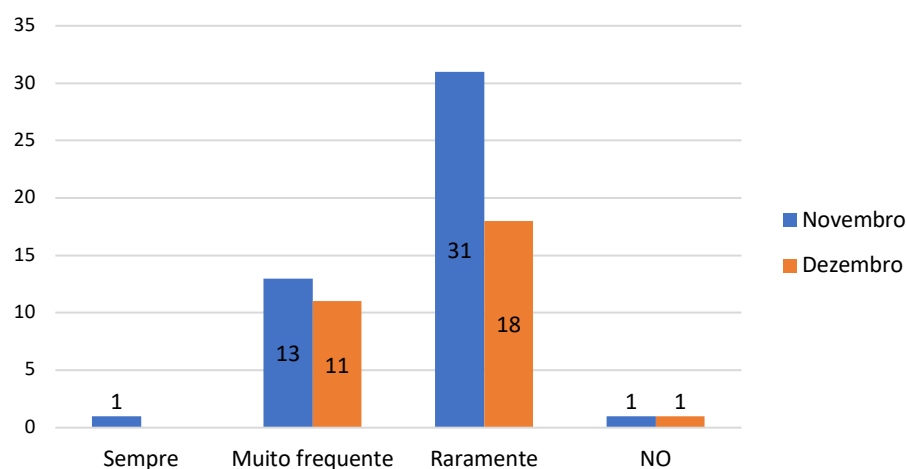


Gráfico VI – Frequência do reconhecimento das regras na sala de atividades, por mês

Contudo, foi sentida uma melhoria nos comportamentos das crianças no que se refere ao conviver em grupo e à forma de estar na sala de atividades. Segundo uma nota de campo registrada: *Além disso, noto umas melhorias nas atitudes das crianças, antes de ir para o parque o G decidiu arrumar a sala e as almofadas* (Nota de campo, 27/11, Apêndice II). Esta criança

é uma das que normalmente apresentava, com frequência, comportamentos desadequados, como birras agressivas, quando era contrariada e aos poucos as suas atitudes foram diminuindo.

No que se refere ao saber esperar pela sua vez, foi observado nas primeiras semanas da prática que nos momentos do tapete, as crianças demonstravam excitação e todos queriam falar ao mesmo tempo. Para trabalhar esta questão recorreu-se à estratégia da caixinha de música, para que as crianças pudessem compreender que cada um têm uma vez de rodar a manivela do instrumento. Possibilitou ainda construir espaços de silêncio.

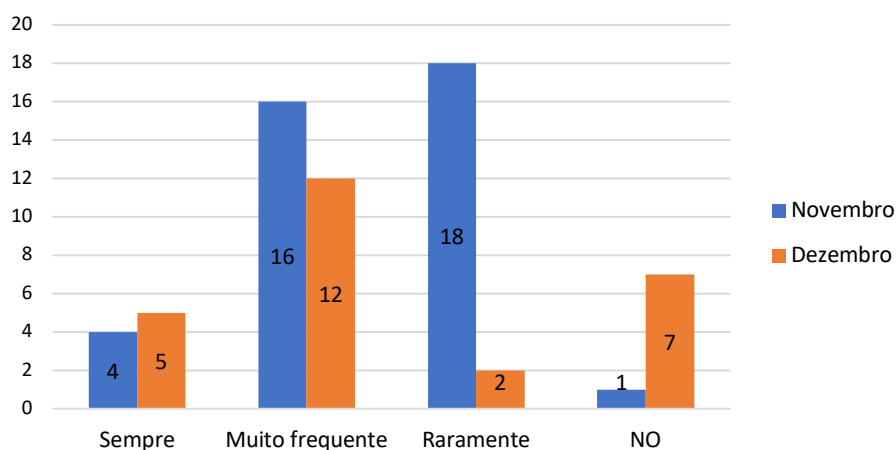


Gráfico VII - Frequência das interações das crianças na realização de jogos e intervenção de diálogos, por mês

No decorrer das propostas de atividades as crianças reconheciam que cada uma devia ir tna sua vez. Contudo, nem sempre era cumprido porque as crianças nesta faixa etária querem ser as primeiras e que o adulto esteja disponível para as escutar. Portanto, é possível indiciar uma incoerência nos resultados. Devido às limitações ocorridas na rotina diária, sendo uma delas a gestão de tempo e existir vários acontecimentos, como, a preparação da festa de natal, que dificultou a desenvolver este aspeto com as crianças.

Sublinha-se novamente os poucos registos realizados no mês de dezembro devido às atividades de preparação da época festiva natalícia. Durante esse período revelou-se de extrema dificuldade observar e registar.

3.3.O processo de adaptação: papel das famílias

No processo de adaptação deste grupo foi possível verificar pouco envolvimento das famílias, apesar deste ter sido solicitado pelas educadoras. Contudo, os encarregados de educação, na sua maioria, não conseguem participar devido ao horário das suas ocupações profissionais (Entrevista EB, Apêndice IV). Situação identificada nos questionários à família em que dos dez que responderam, seis referem não ter participado no processo de adaptação do seu educando ao jardim de infância.

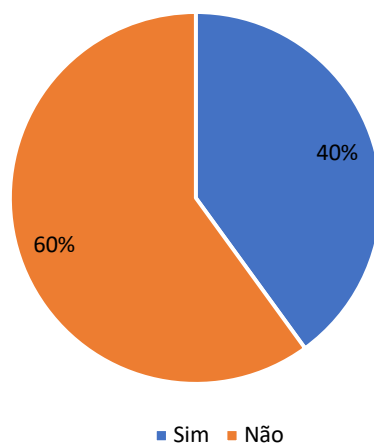


Gráfico VIII – Frequência da participação dos EE

Sendo assim, apenas 40 % dos EE referem que participaram no processo de adaptação dos seus educandos e 60% não participou (Gráfico VIII). Os que participaram dizem tê-lo feito, fundamentalmente, através de diálogos com as crianças, de modo a tranquilizá-las ao contactarem um novo meio.

Apesar das educadoras reconhecerem que a família tem um papel preponderante no desenvolvimento da criança e especialmente neste período, não contemplaram na conceção das atividades. A participação das educadoras com as famílias assumiu a forma presencial optando por um trabalho de sensibilização: *“A Família inicialmente, o apoio da família na adaptação. É importante que as crianças inicialmente, não fiquem na instituição durante muito tempo, porque existem crianças que entram às 8h e saem às 19h(...)É necessário que os pais virem buscar os filhos um bocadinho mais cedo”* (Entrevista EA, Apêndice IV); *“Normalmente não costumo fazer, mas costumo sensibilizar os pais especialmente na hora do acolhimento.*

Quando deixam a criança na instituição que não fiquem tanto tempo, transtorna mais a criança e esta fica mais angustiada, ansiosa e chora mais” (Entrevista EB, Apêndice IV).

Desta forma, a sensibilização passou por chamar a atenção dos pais para a necessidade de as crianças permanecerem inicialmente no JI, em períodos curtos. Até serem capazes de, gradualmente, adaptarem-se às rotinas do jardim de infância, conversaram sobre os hábitos da criança e a necessidade de trazer com ela um brinquedo como foi salientado por um dos encarregados de educação na pergunta aberta do questionário: *Fui falando com a educadora para trabalharmos em conjunto: fazendo a adaptação dos horários pouco a pouco, trazendo um brinquedo, falando dos hábitos da menina* (Questionários aos encarregados de educação, Apêndice VI).

Durante a PES, período em que decorreu o estudo, foi possível observar que a educadora conversava com os encarregados de educação sobre como correu o dia da criança que ainda estava em processo de adaptação (Portefólio da PES, 2018), assim como também as educadoras referem nas suas entrevistas que estavam sempre disponíveis para comunicar com as famílias: *Eu disponibilizo sempre o meu contacto. Sempre que as famílias têm qualquer dúvida, o que estejam preocupados com alguma situação não conseguirem estar comigo de manhã ou o final da tarde”* (Entrevista EA, Apêndice IV); *Sempre de manhã ia conversando com as famílias, e sempre dei o meu contacto direto para que pudessem falar comigo sempre que precisassem. Sem problema nalgum neste aspeto!”* (Entrevista EB, Apêndice IV).

3.4. O processo de adaptação: dificuldades

A principal dificuldade sentida neste processo de adaptação foi sem dúvida a instabilidade do grupo, e que motivou o interesse em que fosse o objeto, de estudo. A saída e entrada chamou a minha atenção, enquanto estagiária para esta realidade. Para além de ser, uma das dificuldades sentidas como estagiária também as educadoras entrevistadas identificaram o mesmo problema: *As maiores dificuldades da adaptação deste grupo, é o facto de estarem a entrar e sair constantemente crianças. Nós no final de setembro, tínhamos vinte e tal crianças e depois saiam porque iam para o ensino público, entravam uns saiam outros. Voltavam a sair outros já estava o grupo adaptado, voltavam a sair. Isto foi até dezembro! Só em dezembro é que posso dizer que tivemos o grupo adaptado* (Entrevista à EA, Apêndice IV).

Esta situação levou a que a estabilidade do grupo fosse tardia e obrigou à reorganização de estratégias em volta do bem-estar das crianças. Mas, principalmente, condicionou o estudo pois o período para o mesmo foi muito reduzido, como já foi sublinhado no capítulo anterior.

A grande maioria dos encarregados de educação respondeu que efetivamente as crianças tiveram uma boa e adequada adaptação (sete em dez respostas).

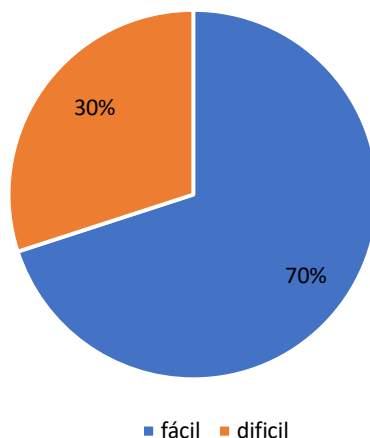


Gráfico IX- Avaliação do processo de adaptação pelos encarregados de educação

Ou seja, 70% dos EE referem que o processo de adaptação foi fácil e apenas 30% diz não ter sido fácil (Gráfico IX). Porém, alguns referem que inicialmente foi difícil devido a fatores diversos como, por exemplo, *A adaptação do G nada teve a ver com comportamentos da educadora ou da auxiliar, apenas foram muitos anos noutra colégio com educadoras e colegas diferentes e ele sentiu falta disso no 1º mês* (Questionário aos encarregados de educação, Apêndice VI). Esta situação significa que todos os fatores podem ser controlados inicialmente, mas com muito trabalho de equipa a adaptação dessa criança foi gradualmente estabelecida. Contudo os comportamentos não desapareceram completamente, pois até ao final da PES esta criança revelou dificuldades de autorregulação fazendo birras agressivas sempre que era contrariado pelos adultos de referência (Portefólio de PES, 2018). Porém, o trabalho de equipa, o desenvolver de atividades novas e os afetos foram, segundo as educadoras, as chaves essenciais para conseguir que o grupo em dezembro estivesse adaptado ao contexto do jardim de infância: (...) *o diálogo com toda a equipa educativa, com a educadora, a auxiliar e com a estagiária. O carinho, o beijinho e os mimos fizeram também parte da adaptação* (Entrevista à EA, Apêndice IV); (...) *procuramos em dividir tarefas entre educadora e auxiliar. Uma*

dedicava-se a uma parte do grupo e outra a restante parte para ter sempre alguém a dar acompanhamento” (Entrevista à EB, Apêndice IV).

4. Discussão dos dados

Este estudo, como já tem se vindo a sublinhar, baseia-se na observação e nos registos, de modo a conseguir obter a compreensão do objeto de estudo. Sendo que se partiu da questão: “Como decorre o processo de adaptação das crianças ao contexto de jardim de infância?”, todas as entrevistas, observações, notas e registos de campo permitiram obter algumas respostas consideradas relevantes para este estudo. Por sua vez, através das entrevistas às duas educadoras, foi possível verificar que ambas têm a mesma visão sobre a importância do período de adaptação. Ambas têm consciência que é essencial consciencializar a família para este período. Uma ideia sustentada pela autora Serralha (2014), argumenta que para um bom acolhimento para as crianças e as famílias das mesmas, devemos sensibilizá-las de modo otimizar as suas ansiedades e inseguranças iniciais.

Contudo, nenhuma das educadoras preparou em concreto um plano de preparação para o processo de adaptação para as crianças nem para as suas famílias. No entanto, referem dois tópicos muito relevantes: um sobre a importância da afetividade e outro sobre os horários curtos. Algo que é imprescindível neste período considerado tão delicado, e que vários autores referem, como Serralha (2014), Portugal (1988) e Zabalza (1998), sustentando essas ideias de flexibilidade de rotinas e afetividade.

Relativamente aos inquéritos realizados aos encarregados de educação, permitiu compreender como as famílias deste grupo de crianças estão envolvidas neste processo. Apesar das poucas respostas, verificou-se que as famílias comunicam com os seus educandos sobre este período. E ainda, compartilham com a educadoras informações essenciais sobre a criança e respeitam a necessidade da mesma. Além disso, tem consciência para a importância da flexibilidade de horários considerando que a criança deve ficar por períodos curtos na instituição até esta se sentir confortável. Consideram que os afetos das profissionais bem os seus trabalhos desenvolvidos foram adequados (Gráfico XII, Apêndice VI) (Tabela 10, Apêndice VI). Porém, não participaram nas atividades dos seus educandos. No entanto, não é possível retirar conclusões devido as principais limitações do estudo: tempo, disponibilidade e pouca informação.

No que diz respeito às notas de campo, às grelhas de observação estas permitiram identificar indícios de melhorias nas interações das crianças bem como a sua receptividade às atividades propostas. Tal como já foi sublinhado anteriormente foi realizado uma readaptação e reorganização na sala de JI. Esse reajustamento teve em conta as necessidades das crianças, que demonstravam estar pouco motivadas no momento da realização das atividades orientadas. Por isso, considerou-se pertinente proporcionar mais momentos de brincadeiras livres. Na sequência destes reajustamentos, as crianças do grupo mostraram-se mais predispostas e motivadas para elaborar as atividades orientadas propostas por nós (educadora e estagiária). Porém, não é possível afirmar as mudanças evolutivas devido à pouca informação recolhida. Contudo, numa das entrevistas às educadoras refere que as crianças do grupo passaram a estar mais estáveis e predispostas para as atividades da rotina diária (Entrevista EA, Apêndice II).

Tal como salientam várias autoras como Vital (2012), Viegas (2007) e Lopes da Silva (2016) o brincar deve estar sempre presente nas nossas práticas pedagógicas, porque é uma ação livre e espontânea da criança e lhe dá prazer. Logo, ao promover atividades e estratégias direcionadas com o brincar há uma maior possibilidade de sucesso.

Quanto às dificuldades ocorridas na adaptação deste grupo de crianças foram, de facto, a instabilidade constante do grupo (as entradas e saídas de crianças). E, mais uma vez, o fator do tempo foi limitado para conseguir fazer uma análise profunda e exaustiva do objeto de estudo. No entanto, pode-se considerar que este estudo se retirou informação relevante e significativa no que diz respeito a este assunto sobre a adaptação como: a importância de ter um projeto de preparação para o período de adaptação.

Este estudo permitiu refletir sobre: a relevância da adaptação bem como a necessidade reajustar a prática pedagógica em torno das necessidades das crianças; de sermos profissionais de educação mais atentos, e sobretudo, em valorizar as atitudes e comportamentos das crianças. E por último, que apesar das limitações é sempre possível retirar aproveitamento das situações.

Capítulo IV - Projeto de Atividades para o período de adaptação para o jardim de infância

Tendo em atenção o presente trabalho apresenta-se uma proposta de Projeto de Atividades para o Período de Adaptação que pretendo implementar como futura educadora. Deste constam um conjunto estratégias que visam promover uma boa adaptação das crianças ao contexto do Jardim de Infância. Deste modo, pretende-se inicialmente centrar-se no bem-estar das crianças e quais são os seus gostos, interesses e necessidade para que se consiga construir um ambiente e envolver os encarregados de educação no processo dos seus educandos.

Este projeto deverá ter uma duração aproximada de dois meses, com atividades diárias.

Tabela 3 - Sensibilização e familiarização aos encarregados de educação

Primeira Etapa		
Conteúdo	Tempo	Material
Reunião individualizada com os encarregados de educação	Periodicamente: - No final de cada período letivo; - Sempre que solicitado pela família	Informações fundamentais para os pais sobre o processo de adaptação; Recolha de fotografias e autorizações; Grelha de hábitos, interesses e motivações da criança; Contactos.
Familiarização do jardim de infância com os encarregados de educação e as crianças.	Uma manhã: - No início do ano letivo	Um mapa da instituição; Autocolantes; Prémios para os participantes; Almoço com todas as famílias.

Primeiramente é essencial estabelecer reuniões com os encarregados de educação, sempre que estes demonstram alguma preocupação. A primeira reunião servirá para dialogar com os pais sobre como se processa o período de adaptação. Desta forma, pretende-se sensibilizá-los de que se trata de um momento crucial para o processo de integração da criança. Ainda com esta reunião pretende-se alertar os encarregados de educação para os cuidados que devem ter no que respeita a este processo como: a necessidade de flexibilidade de horários. Inicialmente a criança deve permanecer no JI por curtos períodos de tempos, como uma manhã apenas, até ajustarem-se ao ambiente.

De seguida, considerou-se de grande importância recorrer a uma atividade conjunta com as famílias como forma de criar o elo de ligação família – jardim de infância. Para tal propõe-

se a realização de um *pedy-paper* na instituição, com o objetivo dos pais e as crianças ficarem a conhecer o jardim de infância de forma mais interativa e lúdica. No final do jogo haverá uma entrega de prémios a todos os participantes de modo a promover a motivação e o interesse das crianças. A atividade termina com um almoço com as famílias para fomentar um bom convívio, e ainda com os funcionários da instituição.

Tabela 4 - Atividades centradas nos interesses das crianças

Segunda Etapa		
Conteúdo	Tempo	Material
Criação de um espaço para colocar os brinquedos de casa; Espaço da calma	No decurso dos dois meses	Caixa de papelão; Tintas; Pincéis; Tenda, Garrafas de água, Cola; Purpurinas; Almofadas;
Hora do conto	Todas as manhãs	Livros favoritos das crianças
Jogos no exterior	Todos os dias	Cordas; Arcos; Sacos; Música; Balões; Bolas.

A fase seguinte centra-se em atividades mais direcionadas para as crianças. Deste modo, numa primeira fase pretende-se criar áreas de acordo com as suas necessidades, interesses e motivações das crianças. O que se requiere essencialmente é criar as melhores condições de bem-estar afetivo e emocional que propiciem contextos positivos de aprendizagens para as crianças. Neste sentido, deve-se criar um espaço onde as crianças possam colocar os seus brinquedos e quando necessitarem deles possam ir buscar. Pois neste período muitas das vezes, as crianças precisam de um objeto transitivo, como o peluche ou uma manta para as ajudar nos momentos de insegurança e/ou ansiedade.

Outro aspeto, é proporcionar momentos de leitura de histórias com as crianças, de modo a ficarmos a conhecer as histórias que as famílias contam às crianças. E sempre que for possível envolver os agregados familiares nesses momentos. Para além de promover a motivação e o incentivo pelos livros, o envolvimento das famílias nestas atividades ajudarão a consolidar na criança a imagem do JI como um espaço seguro. Uma vez que a presença das figuras materna

e/ou paterna ajudará e minimizar o sentimento de “abandono”, de ser deixadas num contexto novo.

Além disso, considerou-se relevante realizar jogos tradicionais no exterior, que promovam também o trabalho de equipa e cooperação entre as crianças. Como por exemplo: jogo de estafetas, dança dos balões em pares e entre outros. Este tipo de jogos permite a interação criança – criança.

Tabela 5 - Envolvimento familiar

Terceira Etapa		
Conteúdo	Tempo	Material
Atividades proporcionadas pelas famílias	Ao longo dos dois meses, de acordo com a disponibilidade das famílias	Ilimitado

Ao longo deste trabalho referiu-se a importância da família. Logo, é imprescindível envolver periodicamente cada família pedindo, como por exemplo, para trazer um jogo, que seja usual nos seus convívios familiares ou outra atividade de lazer. Deste modo, possibilita-se um maior envolvimento e participação dos encarregados de educação e das famílias nas atividades da instituição.

Tabela 6 - Avaliação com todos os intervenientes do contexto educativo

Quarta Etapa		
Conteúdo	Tempo	Material
Avaliação	No final de cada mês	Questionários aos Encarregados de educação; Registos de observação de comportamentos das crianças

Por último, deve-se avaliar os progressos que ao longo do ano letivo a criança desenvolve, especialmente no que diz respeito aos seus comportamentos de adaptação. Com o propósito de melhorar este plano e adequar as intervenções pedagógicas. Tal como refere Ribeiro (2012):

(...) a avaliação informa-nos se os objetivos foram atingidos ou não, ou seja, assenta na observação dos progressos da criança o que vai originar um reajustamento da ação educativa para a construção de novas, ou diferentes aprendizagens, é um elemento

regulador do processo ensino-aprendizagem porque é através dela que conhecemos a evolução da criança (...) (p.15).

Logo, o primeiro momento de avaliação deve resultar da observação e do registo dos interesses, das capacidades e das necessidades do grupo bem como o do contexto educativo. Ou seja, será realizada uma avaliação diagnóstica. Posto isto, deve-se questionar aos pais e encarregados de educação de modo a recolher informações de novos relatos de comportamento. Tendo assim outra visão da criança, através desses questionários tenciona-se descobrir se a criança demonstra indícios de uma boa adaptação e segurança no jardim de infância.

Com a informação recolhida das famílias pretende-se obter uma visão mais informada e real de como a criança se está a adaptar. Isto permitirá à educadora compreender se a sua ação educativa/ trabalho desenvolvido está efetivamente a contribuir para uma boa adaptação, e a garantir as melhores condições de aprendizagens.

Considerações finais

A realização deste trabalho possibilitou que desenvolvesse competências de cariz investigativo que assentaram, essencialmente, na observação, no questionamento, na reflexão e compreensão sobre a prática em jardim de infância.

Este relatório permitiu compreender a importância da relação entre teoria e a prática, e do questionamento sobre o trabalho que se faz e como se faz como fundamentais para promover práticas educativas de qualidade. Estes são aspetos igualmente importantes na construção da identidade profissional dos educadores, pois ao investigar sobre a nossa prática temos de conjugar estas duas vertentes de modo a conseguir envolver na nossa intencionalidade pedagógica. Investigar sobre a prática e para prática significa enriquecer o nosso conhecimento, e ainda, procurar novas formas de melhorar o nosso saber profissional. Nas palavras de Ponte (2002) “A investigação sobre a sua prática é, por consequência, um processo fundamental de construção do conhecimento sobre essa mesma prática e, portanto, uma actividade de grande valor para o desenvolvimento profissional dos professores [educadores] que nela se envolvem activamente” (p.3).

No que se refere ao tema do estudo, o trabalho realizado consciencializou-me para a relevância da fase do período de adaptação da criança e para a necessidade de o preparar de forma adequada. Devemos possibilitar maior flexibilidade entre as rotinas diárias, demonstrar afetos e carinho porque é uma fase muito delicada não só para as crianças, mas também para todos os intervenientes – família, educadores e auxiliares de educação - que participam na educação das mesmas. É importante o educador saber que os vínculos afetivos são fundamentais no período de adaptação para que propicie a construção de contextos educativos sentidos como seguros pela criança que lhe permitam vivenciar da melhor forma as vivências do novo espaço, experienciar e brincar com outras pessoas e crianças.

É essencial agir de acordo com as necessidades e interesses das crianças, porque cada criança tem características e capacidades diferentes, e perante as dificuldades que possam surgir deve a educadora observar e questionar no sentido de compreender o que se passa. Só desta forma será possível adotar estratégias que facilitem o processo de integração das crianças no decurso do período de adaptação ao JI. Ao privilegiar esta abordagem, o educador de infância reflete sobre a sua intencionalidade pedagógica e contribui para o melhoramento da sua prática profissional garantindo oportunidades de aprendizagens de qualidade às crianças.

O percurso deste estudo foi repleto de altos e baixos, mas pleno de aprendizagens, proporcionando-me o desenvolvimento de uma atitude mais reflexiva e analítica sobre a minha prática, realizada no âmbito da PES. Como refere Ponte (2002), investigar na e para prática contribui fortemente para o desenvolvimento profissional porque através deste processo, o educador-investigador procura novas formas de melhorar o seu saber e transpor esse mesmo saber em prática. Esta é uma postura que um profissional de educação deve adotar: ter uma atitude reflexiva para atuar com qualidade na sua intencionalidade educativa e proporcionar novas oportunidades de aprendizagens pois, como refere Roldão:

Pensar curricularmente significa tão só assumir conscientemente uma postura reflexiva e analítica face ao que constitui a sua prática quotidiana, concebendo-a como campo de saber próprio a desenvolver e aprofundar e não como normativo que apenas se executa sem agir sobre ele (2000, citado por Azevedo, 2011, p.89).

O estudo apresenta limitações, sendo a maior a falta de tempo e o que não permitiu desenvolver um estudo mais consistente e enriquecedor em termos de recolha de dados. A indefinição na constituição e estabilização do grupo no curto período da PES tornou difícil recolher informação. Seria importante ter uma continuidade no estudo do grupo até ao final do ano letivo para obter verdadeiramente resultados. Apesar de não ser possível tirar conclusões verdadeiramente sustentadas, os resultados evidenciam aspetos pertinentes para a educação de infância, como por exemplo, apostar no brincar e no jogo como meios promotores de integração das crianças.

Enquanto futura educadora de infância assumo que este tema é algo muito delicado e que deve ser mais explorado por todos os profissionais de educação, de modo a recorrer a estratégias preventivas de comportamentos desadequados e/ou rejeição do contexto II, que possam vir a ser obstáculos a aprendizagens de qualidade. Há que desenvolver trabalho que envolva todos os intervenientes, famílias, crianças e profissionais, em que a essência das atividades/estratégias se centrem no brincar, ação privilegiada pela criança através da qual esta constrói o seu conhecimento de si, do outro, da sociedade e do mundo.

Bibliografia

Alves, C. (2015). *Adaptação da criança à creche – Perspetiva ecológica da adaptação em creche*. Santarém: Instituto Politécnico de Santarém. (Relatório de estágio). Disponível em: <http://repositorio.ipsantarem.pt/bitstream/10400.15/1869/1/Relat%C3%B3rio%20final%20Carolina%20Alves.pdf>

Azevedo, S. (2011). *O papel da creche na adaptação da criança ao contexto jardim-de-infância*. Castelo Branco: Instituto politécnico de Castelo Branco. (Dissertação de mestrado). Disponível em: https://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/1194/1/Mestrado_Silvia_Azevedo.pdf

Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Borges, S. (2014). *Adaptação e Bem-estar das crianças na Educação de Infância e nos primeiros anos de escolaridade*. Santarém: Instituto Politécnico de Santarém. (Relatório de estágio). Disponível em: <http://repositorio.ipsantarem.pt/bitstream/10400.15/1856/1/Relat%C3%B3rio%20de%20Est%C3%A1gio%20-%20S%C3%B3nia%20Borges.pdf>

Gáll, Z., & Ballint, L. (2014). Improving preeschooler conduct adaptation by using a social learning based on motion games. *Timisora Physical Education and Rehabilitation Journal*, 7 (13), 85 – 94, doi: 10.1515/tperj – 2015-0015

Lei nº 5/97 de 10 de fevereiro, *Diário da República* nº34/1997 – I serie- A. Assembleia da República Lisboa. Lei de Quadro da Educação Pré-Escolar

Lopes da Silva, I., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção Geral de Educação.

Martins, T. (2014). *A importância do envolvimento da família na creche e no jardim de infância*. Lisboa: Instituto politécnico de Lisboa. (Relatório de estágio). Disponível em: <https://repositorio.ipl.pt/bitstream/10400.21/3962/1/A%20import%C3%A2ncia%20do%20envolvimento%20da%20fam%C3%ADlia%20na.pdf>

- Pereira, A. (2015). *A adaptação das crianças em contextos de creche e jardim-de-infância*. Setúbal: Instituto Politécnico de Setúbal. (Relatório de estágio). Disponível em: https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/10533/1/Relat%C3%B3rio%20de%20est%C3%A1gio_AnaCl%C3%A1udia%20Ver%C3%ADssimo_Definitiva.pdf
- Ponte, J. P. (2002). *Investigar a nossa própria prática*. In GTI (Org), *Reflectir e investigar sobre a prática profissional* (pp. 1-25). Lisboa: APM
- Portugal, G. (1995). *Experienciação em creche: Um contributo para uma abordagem ecológica da “adaptação” da criança*. Aveiro: Universidade de Aveiro. (Dissertação de doutoramento publicado). 2 (1).
- Portugal, G. (1998). *Crianças, famílias e creches – Uma abordagem ecológica da adaptação do bebé à creche*. Porto: Porto Editora
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (5ª ed.). Lisboa: Edições Gradiva.
- Ribeiro, D. (2012). *A importância da Avaliação na Educação Pré-escolar*. Covilhã: Universidade da Beira Interior. (Dissertação do mestrado). Disponível em: <https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/2690/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Dalila%20Ribeiro.pdf>
- Rolim, A., Guerra, S., & Tassingny, M. (2008). Uma leitura de Vygotsky sobre o brincar na aprendizagem e no desenvolvimento infantil. *Rev. Humanidades Fortaleza*, 23 (2), 176-180. Disponível em: http://brincarbrincando.pbworks.com/f/brincar%20_vygotsky.pdf
- Santos, D. (2013). *Da creche ao jardim de infância.... Um caminho de aprendizagens para a prática docente*. Leiria: Instituto Politécnico de Leiria. (Relatório de estágio). Disponível em: <https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/1866/1/Tese%20Final%20Diana%20Santos%20Vers%C3%A3o%20Eletr%C3%B3nica.pdf>
- Serralha, C. (2014). *A adaptação da criança e da sua família: A otimização do processo de separação/adaptação*. Setúbal: Instituto Politécnico de Setúbal. (Relatório de Estágio). Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/7373/1/relatorio%20dez%20%2014.pdf>
- Sim-Sim, I. (1998). *Desenvolvimento da linguagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Sousa, M.J., & Baptista, C. S. (2011). *Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios* (5ª ed). Lisboa: Pactor

Varela, N. (2018). *Portefólio reflexivo: contexto em pré-escolar*. (trabalho académico desenvolvido no âmbito da Unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada II, do Mestrado em Educação Pré-escolar)

Viegas, L. (2007). *O brincar de ontem, na infância dos educadores de hoje: entendimento e adequação curricular do brincar*. Algarve: Universidade do Algarve. (Dissertação do mestrado). Disponível em:

<https://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/767/2/Microsoft%20Word%20-%20TESE%20-%20Cap%C3%ADtulos.pdf>

Vital, R. (2012). *A importância atribuída ao brincar pelas educadoras de infância*. Algarve: Universidade do Algarve. (Dissertação do mestrado). Disponível em:

<https://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/3391/7/Relat%C3%B3rio.pdf>

Zabalza, M. (1998). *Qualidade em educação infantil*. Portalegre: Editora: ArtMed

Apêndices

Apêndice I - Grelhas de observação

Data: 30 a 31 de outubro

Nomes das crianças	A crianças adere à proposta de atividade.	A criança espera pela sua vez na realização de jogos e na intervenção de diálogos.	A criança contribui para a elaboração das regras de vida em grupo	A criança reconhece a necessidade de regras e procuram em cumpri-las.	A criança demonstra comportamentos de apoio e entreajuda.	A criança apresenta respeito pelo outro.	A criança interage e solidarizar-se com os outros.
C1	-	-	-	-	-	-	-
C2	-	-	-	-	S	-	-
C3	-	-	-	-	NO	-	-
C4	-	-	-	-	P	-	-
C5	-	-	-	-	NO	-	-
C6	M	-	-	-	NO	-	-
C7	-	-	-	-	-	-	-
C8	S	M	M	M	M	-	S
C9	S	S	M	S	S	M	S
C10	M	R	R	R	P	R	M
C11	-	-	-	-	-	-	-
C12	-	-	-	-	-	-	-
C13	M	M	NO	P	P	-	M
C14	S	M	-	M	P	-	P
C15	S	S	S	M	M	M	M
C16	S	M	M	M	M	M	M
C17	S	S	NO	NO	NO	-	M

Observações:

Nesta semana foi do dia das bruxas. Uma atividade direcionada na leitura de lengalengas e histórias relacionadas ao dia comemorativo, e ainda de arte plástica. Pintura de abóboras com a utilização dos berlindes. Como notas de observação e reflexão: decorreu bem e o grupo demonstrou-se motivado e interessado. Houve um pequeno desfile de vassouras e os disfarces das crianças.

AS interações que foram registadas em acima foram poucas. Além disso, apenas um grupo de crianças realizaram a proposta e outras ficaram para realizar noutro momento.

Legenda: Sempre (S); Muito Frequente (M); Pouco frequente (P); Raramente (R); Não observado (NO)

Data: 13 a 15 de novembro

Nomes das crianças	A crianças adere à proposta de atividade.	A criança espera pela sua vez na realização de jogos e na intervenção de diálogos.	A criança contribui para a elaboração das regras de vida em grupo	A criança reconhece a necessidade de regras e procuram em cumpri-las.	A criança demonstra comportament os de apoio e entreaajuda.	A criança apresenta respeito pelo outro.	A criança interage e solidarizar-se com os outros.
C1	M	NO	-	NO	P	M	M
C2	S	S	-	P	M	M	M
C3	M	R	-	P	P	P	P
C4	S	P	-	P	P	P	M
C5	S	M	-	P	P	M	M
C6	S	M	-	P	P	M	M
C7	S	NO	-	P	M	M	M
C8	S	M	-	P	P	P	M
C9	S	M	-	P	M	M	M
C10	S	P	-	P	P	P	M
C11	S	M	-	P	M	M	M
C12	S	M	-	P	NO	M	M
C13	S	M	-	P	M	M	M
C14	S	M	-	P	M	M	M
C15	S	M	-	P	M	M	M
C16	S	M	-	P	M	M	M
C17	S	P	-	P	M	M	M

Observações:

Esta semana, as crianças estavam ansiosas porque não puderam ir ao parque: a relva não estava nas devidas condições para puderem brincar no exterior. E é um grupo que necessita de tempo para ir ao exterior, é algo que gostam imenso. Mas infelizmente não foi possível. Além disso, considero que o que lhes agitou mais foram todos os preparativos para a época natalícia, que tiveram de saber a música e os gestos para festa do natal. Momento de reflexão: é espantoso ver como são os mais novos que demonstram mais interesse para música. Sempre se mostram mais atentos quando o professor de música vem para a sala, e até é quando estão mais confortáveis e menos ansiosos.

Legenda: Sempre (S); Muito Frequente (M); Pouco frequente (P); Raramente (R); Não observado (NO)

Data: 20 a 22 de novembro

Nomes das crianças	A crianças adere à proposta de atividade.	A criança espera pela sua vez na realização de jogos e na intervenção de diálogos.	A criança contribui para a elaboração das regras de vida em grupo	A criança reconhece a necessidade de regras e procuram em cumpri-las.	A criança demonstra comportamentos de apoio e entreaajuda.	A criança apresenta respeito pelo outro.	A criança interage e solidarizar-se com os outros.
C1	P	P	P	P	P	P	P
C2	S	S	M	M	M	M	M
C3	S	P	-	P	P	P	P
C4	M	P	P	P	NO	P	M
C5	M	P	M	P	M	P	NO
C6	-	-	-	P	NO	M	NO
C7	-	-	-	-	-	-	-
C8	M	M	NO	NO	NO	NO	NO
C9	S	S	S	S	S	S	S
C10	M	P	P	P	P	P	P
C11	M	M	M	P	P	M	NO
C12	M	-	-	-	-	-	P<
C13	M	P	M	P	M	P	P
C14	M	M	M	M	M	M	M
C15	M	M	M	M	M	M	M
C16	M	M	M	M	M	M	M
C17	-	-	-	-	-	-	-

Observações:

Nesta semana o grupo esteve em comemoração do dia do pijama, e mostraram muito interesse pela casinha. Portanto construí um painel de figuras geométricas para demonstrar como podemos fazer uma casa através dessas figuras e outros objetos também. As crianças demonstraram um grande interesse, especialmente a criança C12 gostou de brincar com o painel e até realizou a proposta seguinte. Aos poucos as crianças mais novas mostram um maior gosto em realizar as atividades propostas.

Legenda: Sempre (S); Muito Frequente (M); Pouco frequente (P); Raramente (R); Não observado (NO)

Data: 27 a 29 de novembro

Nomes das crianças	A criança adere à proposta de atividade.	A criança espera pela sua vez na realização de jogos e na intervenção de diálogos.	A criança contribui para a elaboração das regras de vida em grupo	A criança reconhece a necessidade de regras e procuram em cumpri-las.	A criança demonstra comportamentos de apoio e entreaajuda.	A criança apresenta respeito pelo outro.	A criança interage e solidarizar-se com os outros.
C1	S	R	-	P	M	S	S
C2	S	S	-	M	M	S	S
C3	R	R	-	P	P	M	P
C4	S	M	-	M	M	M	M
C5	S	M	-	M	M	M	M
C6	S	R	-	M	P	M	M
C7	S	R	-	P	P	M	M
C8	S	M	-	M	P	M	M
C9	S	M	-	M	M	M	M
C10	P	M	-	P	M	P	P
C11	S	P	-	P	P	M	M
C12	M	R	-	P	P	P	M
C13	S	P	-	P	P	M	M
C14	S	R	-	M	M	M	M
C15	S	S	-	M	M	M	M
C16	S	S	-	M	M	M	M
C17	R	R	-	M	M	M	M

Observações:

Nesta semana continuamos com uma proposta de atividade que tínhamos para terminar. As crianças aderiram muito bem e colaboraram. Durante o resto da rotina, foi possível visualizar pequenos progressos na criança C1. Uma das crianças, que entrou há pouco tempo e demonstrou-se nestes dias menos ansiosa durante a manhã e chorou pouco, o que é fantástico pois tem sido difícil para ela. É a primeira experiência longe da mãe durante muito tempo, contudo a mãe vem sempre buscar mais cedo. De modo a criança adaptar-se aos poucos. Os progressos estão a ser visíveis! Para além dessa observação, noto que as crianças andam mais cooperativas com as mais novas, no dia 27 o C14 e a C13 ajudaram a C12 a calçar os seus sapatos.

Legenda: Sempre (S); Muito Frequente (M); Pouco frequente (P); Raramente (R); Não observado (NO)

Data: 4 a 6 de dezembro

Nomes das crianças	A crianças adere à proposta de atividade.	A criança espera pela sua vez na realização de jogos e na intervenção de diálogos.	A criança contribui para a elaboração das regras de vida em grupo	A criança reconhece a necessidade de regras e procuram em cumpri-las.	A criança demonstra comportamentos de apoio e entreatajuda.	A criança apresenta respeito pelo outro.	A criança interage e solidarizar-se com os outros.
C1	S	NO	-	P	NO	NO	M
C2	S	S	-	M	M	S	M
C3	S	NO	-	P	P	M	P
C4	S	M	-	P	P	P	M
C5	S	P	-	P	M	M	M
C6	S	M	-	P	P	M	M
C7	S	NO	-	M	P	S	M
C8	S	M	-	P	P	M	M
C9	S	S	-	M	S	M	M
C10	S	M	-	P	M	P	M
C11	S	M	-	P	M	M	M
C12	S	NO	-	P	NO	M	M
C13	S	P	-	P	P	M	M
C14	S	M	-	M	M	M	M
C15	S	M	-	M	S	M	M
C16	S	M	-	M	S	M	M
C17	S	NO	-	M	P	M	M

Observações:

Nesta semana, iniciamos com os preparativos do natal. A educadora cooperante não esteve presente devido a motivos pessoais, por isso considerei que seria uma boa oportunidade tentar proporcionar um jogo tradicional em todos pudessem participar. Contudo é complicado devido às idades que as crianças apresentam. Porém tentámos. No dia 6 fomos a uma quinta pedagógica explorar os animais e alimentá-los.

Legenda: Sempre (S); Muito Frequente (M); Pouco frequente (P); Raramente (R); Não observado (NO)

Data: 11 a 14 de dezembro

Nomes das crianças	A crianças adere à proposta de atividade.	A criança espera pela sua vez na realização de jogos e na intervenção de diálogos.	A criança contribui para a elaboração das regras de vida em grupo	A criança reconhece a necessidade de regras e procuram em cumprilas.	A criança demonstra comportamentos de apoio e entreajuda.	A criança apresenta respeito pelo outro.	A criança interage e solidarizar-se com os outros.
C1	NO	NO	NO	NO	NO	NO	NO
C2	S	S	S	M	M	M	M
C3	S	NO	M	P	P	P	P
C4	S	M	M	P	NO	P	M
C5	M	M	M	P	M	P	NO
C6	S	M	M	P	NO	M	NO
C7	S	-	-	-	NO	M	NO
C8	S	M	M	M	M	M	NO
C9	S	S	S	S	S	S	S
C10	P	M	P	P	P	P	P
C11	S	M	M	P	P	M	NO
C12	M	-	-	-	-	-	-
C13	S	M	M	P	P	P	NO
C14	S	M	M	P	M	M	NO
C15	S	S	M	M	M	M	NO
C16	S	M	M	M	M	M	NO
C17	M	NO	M	M	M	M	NO

Observações:

Nesta semana existiram mais momentos de interações e de atividades propostas de acordo com o São Martinho e dia do pijama. Ainda as crianças C1, C7 e a C12 não realizaram as atividades pois necessitam de mais tempo de explorar o ambiente e não se sentem confortáveis para elaborar as propostas. Contudo, aos poucos já demonstram interesse em na hora do conto e nas atividades relacionadas com as pinturas.

Legenda: Sempre (S); Muito Frequente (M); Pouco frequente (P); Raramente (R); Não observado (NO)

Notas de campo

25/09

Foi o primeiro dia de contacto com a instituição e com o grupo onde vou realizar os três meses de prática. Quando cheguei à instituição tive uma conversa com a educadora cooperante, conversámos sobre o estabelecimento de horários e ainda em tópicos dessa conversa explicou as rotinas diárias. Também foi possível observar os documentos formais da instituição e da sala (PEE e PCG). Explicou-me de uma forma muito breve de que se tratava o projeto da sala, trocámos os contactos e retirei algumas dúvidas iniciais.

Quanto ao grupo, neste primeiro dia de contacto, pareceu-me ser um grupo de crianças com energia e boa disposição. Porém aparentam dificuldades de autorregulação, que foi possível verificar em duas crianças. Contudo, demonstram afetuosos. O mês de setembro é o mês de adaptação para as crianças e para equipa educativa de sala, e claro também para mim.

É uma instituição pequena, comparativamente com a outra instituição onde estive, apenas têm duas valências de jardim de infância, porém contém um ATL e Creche. Penso que a Creche não faz parte da mesma instituição. Têm um espaço verde com boas dimensões onde as crianças podem brincar à vontade.

A educadora cooperante revela um grande interesse por histórias que trabalhem os valores, visto que este grupo de crianças necessita imenso de compreender e aprender novos valores para poderem conviver em sociedade.

Neste dia ocorreu uma situação, a educadora reuniu com as crianças nas mesas e questionou cada uma sobre o seu comportamento. Em que fazia questões sobre o seu comportamento: bem, mal ou mais ou menos. O instrumento que era usado para monitorizar o comportamento das crianças não estava ao nível das crianças. Portanto é a educadora que coloca a mola com o respetivo nome de cada um no mocho. Na minha opinião, deveria estar ao nível das crianças para que elas possam desenvolver a motricidade fina.

Ainda sobre os aspetos da instituição, é uma instituição particular, de utilidade pública, sem fins lucrativos. Atualmente, a instituição tem capacidade para dar a 150 crianças, distribuídas pelas valências (Creche, ATL e Jardim de infância).

A sala está envolvida em dois projetos, um deles é os Heróis da Fruta e o Dia do Pijama. O projeto “os heróis da fruta” trata-se de um projeto que quer a incentivar as

crianças a ingerirem fruta todos os dias, e de encorajar as crianças de praticar um estilo de vida mais saudável. Por outro lado, no dia do pijama as crianças vão de pijama para a escola e passam assim o dia em atividades educativas. É um dia educativo e solidário em que crianças ajudam outras crianças.

26/09

Já comecei com o horário da educadora cooperante, o acolhimento é feito no refeitório onde está sempre uma auxiliar responsável. De manhã, as crianças tomam um pequeno lanche: quadrado de pão e uma bolacha. Quando a educadora chega vão para a sala eles, de seguida, vão buscar a sua respetiva bata. Caso for necessário de ajuda, nós adultos damos-lhes auxílio em vestir.

Neste dia, a educadora leu uma história para as crianças sobre “O crocodilo Nino”, trata-se de uma história com um crocodilo que diz uma mentira para esconder uma humilhação dele. Como já tinha sublinhado, a educadora tem um interesse para contar histórias que trabalham os valores. E também uma forma para despertar o interesse às crianças, para essa questão.

Como começámos a nossa prática com a observação participativa, contemplei que a organização do ambiente de sala não estava adequada para proporcionar a melhor qualidade de educação. Não existiam áreas bem divididas e os objetos como os brinquedos não estavam ao nível das crianças. Portanto, numa conversa com a educadora propus-lhe uma reorganização da sala. Por que nós educadoras sabemos como é importante ter uma sala funcional e favorável às necessidades e aos interesses das crianças.

No momento da história, foi possível observar que o grupo tem interesse pelas histórias. Porém, não conseguem ficar atentos por muito tempo. Além disso, ainda estão no mês de adaptação e noto que é um desafio para eles e nós adultos. As crianças querem e necessitam de explorar e brincar.

Visto que, o projeto da sala vai centrar-se nos valores e nas regras, estou a ponderar em mudar o assunto do relatório de investigação.

Porém, estes dois dias tem corrido bem principalmente nos momentos de brincadeiras no exterior. As crianças dão-me abraços e pegam na minha mão para ir brincar com elas, e até as outras crianças da sala da outra educadora.

27/09

Neste dia a manhã foi difícil. As crianças demonstram dificuldades com a adaptação. Nos momentos em que estive só eu e a auxiliar educativa, foi difícil gerir o grupo, porque as crianças queriam fazer o que lhes apetecia naquele momento. Porém não era possível pois tínhamos algo diferente proposto para elas. Tinha proposto a reorganização da sala, contudo estava a ter alguns receios. Gostaria de mudar a posição dos materiais e tornar uma sala rica e acessível para as crianças, mas não sei como ainda. Outra preocupação que tenho é a escolha do tema para minha investigação.

O grupo neste momento necessita de compreender a essência dos valores como a partilha, o respeito, solidariedade e os sentimentos dos outros de como são importantes para a convivência entre pares.

Nem tudo são receios sinto que as crianças aos poucos já sentem uma ligação comigo. Procura-me para dar um mimo, mas acaba por ser contraditório. Nos momentos da rotina em que suscito as crianças recusam imediatamente. É normal, pois ainda me estão a conhecer e “testar-me”. É um grupo que ainda está naquela fase do egocentrismo.

Tenho esperança que esta prática irá “puxar” muito por mim. Não quero ficar desiludida, com a prática porque é a última e quero fazer a diferença naquelas crianças.

Em conversa com a educadora sugeri participar na reunião de pais e em fazer um slide simples a explicar os objetivos do meu mestrado e os objetivos da prática. Ao longo destes dias tenho estado muito participativa e proposto várias ideias, espero que a educadora tenha gostado. Numa conversa com a educadora surgiu a ideia de aquisição de manuais. Não concordei muito com esse assunto dei a minha opinião sem querer magoar os sentimentos/opiniões da educadora. Disse que não era apologista dessa ideia.

2/10

A educadora cooperante faz horários alternados por mês, este mês o horário é das 10/13h e das 15h/17h30 – segundas e terças. Com este horário, não chego à hora do acolhimento. As crianças já se encontravam na sala com a auxiliar educativa.

Temos música na segunda-feira às 10h15, só que o professor não apareceu. Portanto, a educadora trouxe consigo uma história “Está um hipopótamo na minha cama”, que retrata de um menino que fazia chichi na cama e que depois dizia aos pais que iam animais para cama dele por isso é que estava molhada. Até agora todas as histórias que a educadora trouxe são de uma coletânea que comprou para os seus filhos. Por vezes fico

perdida e não entendo a continuidade do trabalho que é desenvolvido pela educadora. E não consigo ver o fio condutor para as atividades seguintes que são propostas.

Para passar à atividade seguinte a educadora optou por ter uma simples conversa com as crianças sobre as emoções, o que a meu ver me pareceu muito abstrata.

Por fim, conseguimos organizar a sala de forma a tornar-se um pouco mais adequada. Finalmente conseguimos uma área do tapete mais funcional e com almofadas irá ajudar cada uma das crianças ter o seu lugar.

3/10

Foi o primeiro dia de ginástica para o grupo. Infelizmente, não tive a oportunidade de observar, pois é necessário um adulto ficar na sala com as crianças que ainda não tem idade para realizar a ginástica ou os que não estão inscritos. Portanto, nesse momento aproveitamos para dar continuidade as atividades que ficaram em atraso, neste caso era a elaboração dos *emojis*. Nestes momentos, apenas com a educadora tento sempre tirar algumas dúvidas que vão surgindo como: podemos tornar a sala em volta dos interesses e as necessidades do grupo.

Entretanto, a educadora informou-me que a reunião dos pais foi adiada. E além disso, perguntou-me quando é que eu me sentia pronta para iniciar com a rotina e as propostas de atividades. Respondi a educadora que ainda necessitava de mais tempo.

4/10

Noto que cada vez mais que as crianças necessitam de compreender as regras de convivência na sala de atividades. Tenho noção que estão naquela idade que não querem partilhar, são ainda muito egocêntricas, ainda choram muito e não aprenderam a esperar pela sua vez. Contudo, por vezes demonstram momentos de entreajuda, especialmente comigo e a educadora. É de facto, um grupo que está em constante aprendizagem. Reparo que as crianças mais novas conseguem ser mais autónomas nas rotinas do que as crianças mais velhas da sala.

Não posso afirmar, mas acho que as crianças que vieram da creche-JI demonstram mais autonomia. Digo isto porque, uma das crianças mais velhas, que nunca esteve em creche ou JI, apresenta mais dificuldades de autorregulação. Sempre que é contrariado por um adulto faz “birra” constantemente.

9/10

Mais uma segunda-feira, mas diferente das outras, reparo que alguns ainda não me reconhecem e poucos sabem o meu nome. Mas também se deve ao facto de apenas ir alguns dias ao estágio.

Infelizmente, não sinto que eles compreendem porque estou na sala deles. Contudo naqueles momentos que a educadora tem de ausentar-se muitas vezes porque tem assuntos da direção para tratar, aproveito nesses pequenos momentos fazer algo com o grupo, de modo que elas me vejam como um modelo “adulto” e responsável também.

Relativamente aos comportamentos do grupo, já noto que andam diferentes desde do início do mês setembro. Já adormecem logo sozinhos, sem consolo de um adulto.

Não houve música outra vez a educadora trouxe uma história muito simples e pequena, que se tratava de um urso que não arrumou os brinquedos. Fiquei surpreendida, pois o grupo esteve muito atento. No seguimento da história, o livro continha pequenas questões. Portanto, utilizamos para fazer pequenas perguntas ao grupo Apontamos as respostas de cada criança no quadro disponível na sala.

Outras anotações sobre o grupo, que ainda está na fase de interiorização de regras. Porém, já demonstram pequenas mudanças já se sentam no tapete e escutam os outros nos momentos de diálogo.

10/10

Nesta terça-feira é o dia de ginástica, entrei mais cedo com a educadora para ficarmos com as restantes crianças, que não podem ir a ginástica devido à idade. Aproveitamos para terminar atividades. Além disso, como a educadora é também coordenadora da direção tem sempre assuntos para tratar. Dando assim a oportunidade de eu ficar com o grupo e ter uma maior ligação com eles.

Aos poucos, eu reparo que as crianças vão tendo a noção das rotinas diárias, e já adormecem sozinhas e comem sem ajuda. Em termos de socialização e partilha vão adquirindo aos poucos, com a exceção do G que ainda continua muito “retraído” quando lhe pedimos fazer algo. Requer muita atenção dos adultos visto que tem uns comportamentos que requerem a nossa atenção, fazendo com que nós tenhamos de ter uma atitude muito assertiva com ele.

11/10

Neste dia tivemos a visita da professora H, antes da sua visita estávamos a ouvir música em conjunto com os meninos da educadora B. Logo, apareceu a professora, eu não tinha nada planeado, por isso foi mais a educadora a orientar o dia enquanto eu cooperava com ela. Enquanto, terminávamos com as crianças a tarefa dos *emojis* os restantes, que já tinham terminado, brincavam com a plasticina.

O grupo comportou-se muito bem, visto que, noutros dias isto não acontecia. E não implementei nada porque ainda não me sentia preparada, necessitava de mais dias de observação.

Depois eu e a educadora tivemos uma conversa com a professora, ela questionou-me como tem corrido o estágio até agora. E disse-lhe que estava a correr bem que havia uma grande saída e entrada de crianças. Estávamos constantemente em readaptação. Uma das observações da professora foi que houve um momento de conflito no qual eu estava mais perto e deixei passar. E que tenho de mostrar mais confiança, ser assertiva e intervir nesses momentos. Nesta fase as crianças gostam de nos testar até ao máximo porque eles sabem os limites de cada um de nós adultos. No resto da conversa, diz-me que estava tudo bem e para continuar e não ter medo de começar a implementar e dinamizar o grupo.

A educadora também falou bem de mim, que demonstro iniciativa e que tenho boas ideias, e que estou sempre interessada.

16/10

Hoje o professor R trouxe uma música sobre o ouriço e os frutos desta época do outono. Veio a calhar, pois foi o dia da alimentação, por isso a educadora sugeriu fazermos alguma coisa sobre a alimentação, como uns pratos que estavam no armário da sala aproveitámos para colar a roda de alimentos. Cada criança coloriu a sua roda de alimento.

Esta atividade foi realizada individualmente com as crianças que foram auxiliadas por nós no pintar. Ao mesmo tempo ia explicando quais eram os alimentos mais importante da nossa roda dos alimentos. E perguntávamos “onde está o alimento X”.

E assim passou-se a nossa segunda-feira.

Pequena reflexão: Sinto que aos poucos as crianças vêm ao meu encontro e pedir ajuda. Especialmente quando me vou embora já pedem beijinhos. Isso conforta-me imenso porque estou a criar laços afetivos com as crianças.

17/10

As terças feiras deste mês de outubro, eu e a educadora ficamos na sala com as crianças que não podem ir à ginástica. Pois a criança não tem a idade insuficiente para andar de autocarro. E, infelizmente, os pais não tem disponibilidade de levá-los. Por isso, nesses dias eu e a educadora aproveitamos para elaborar propostas de atividades que ficaram por terminar. Neste dia, elaborei umas flores de feltro para colocar perto da porta da nossa sala juntamente com o nome da sala “Jardim da Amizade”.

Quando as crianças chegaram da ginástica, fizemos higiene e de seguida fomos para o refeitório. Durante o almoço houve alguns conflitos nos quais o G era uma das crianças envolvidas; o G recusou em sentar-se perto de um amigo. Tentei mediar a situação a explicar-lhe que só havia aquele lugar. Porém ele continuou a resistir na sua decisão de não ficar no lugar. Nesta hora de almoço, refleti que devemos agir de modo que a criança compreenda as situações. E arranjar soluções para estes momentos de conflito, e ser mais assertiva na minha ação.

O grupo cada vez mais utiliza a palavra “Não”, tenho consciência que se deve ao facto de nós adultos utilizamos muitas vezes essa palavra. E infelizmente, escutam em casa. Para mim, torna-se mais um momento de reflexão sobre a minha ação e tentar adotar uma abordagem mais positiva. Na forma como digo as minhas palavras e demonstro o que quero. E coloco a questão: Será que as crianças seriam mais recetivas às nossas propostas se começarmos a optar por uma abordagem mais positiva?

18/10

Para a minha primeira atividade decidi dar continuidade ao trabalho sobre as emoções, por isso explorei o livro do “O monstro das cores”. O meu principal objetivo era captar a atenção das crianças no momento da leitura da história. Pretendia também transmitir a mensagem essencial de que existem diferentes emoções e que iam surgindo na história

Quanto à minha prestação nesta atividade podia ter corrido muito melhor. Em conversa com a educadora cooperante, percebi que as crianças podiam ter elaborado os

materiais em vez eu ter feito tudo. Contudo, a minha intenção era compreender ainda as competências das crianças. Visto que as observações que tive, no meu ver, não foram suficientes para analisar as capacidades/competências. Por isso tomei consciência da necessidade de continuar a observar mesmo na concretização das atividades.

Nem tudo foi mau, consegui perceber como as crianças reagem quando tem de esperar pela sua vez. É um grupo que tem que compreender que todos vão elaborar a atividade.

De modo geral, não foi muito elaborada e as crianças gostaram dos potes e compreenderam muito bem a história e expusemos numa das paredes da sala.

Nesta primeira atividade compreendi que as propostas de atividades têm de ser mais dinâmicas!

23/10

Não foi um dos melhores dias na prática devido a minha proposta de atividade, considereei que faria sentido construir um boneco. Para servir de estímulo às crianças e desencadear atitudes melhores. Acabou por ser uma atividade complexa e mexeu com a minha autoestima. Porque tinha expectativas que as crianças iriam compreender o seu propósito. Contudo, foi uma lição para mim que podemos sempre melhorar a nossa intervenção pedagógica, de acordo com as ideias das crianças.

De facto, não consegui cativar o grupo e ainda não encontrei a estratégia mais corretamente. E apesar das crianças terem idades compreendidas entre 3 a 4 anos e estão em adaptação com tudo, e é necessário dar mais tempo as coisas. É um grupo que ainda está em progresso e necessita de atividades mais adequadas as necessidades deles.

Devo admitir que com as saídas das crianças para outras instituições não só estabilizou o grupo, mas também fez com fosse mais difícil o período de adaptação.

A nossa dinâmica de trabalho, vai ter-se de ajustar porque no grupo vão entrar mais quatro crianças, com idades compreendidas de dois anos. Teremos de ter de modelar e planear novas estratégias, de modo que estas crianças novas se sintam seguras e confortáveis.

24/10

Apesar de não ter sido a melhor proposta de atividade a educadora motivou-me e tentou-me animar que não correu assim tão mal. Com o resto do grupo que fica na sala, porque não tem ginástica pintamos o “monstro”.

Por vezes, sinto falta de momentos de conversa com a educadora, sei que tem a coordenação, mas, era necessário comunicarmos mais. Para tudo se realizar em sintonia, e não existirem dois trabalhos diferente, mas um trabalho contínuo.

Depois do regresso das crianças da ginástica, tive um diálogo com o grupo para escolhermos um nome para o nosso “monstro”. Não correu tão bem pois tinham chegado da ginástica e não estavam dispostos a falar sobre isso.

À tarde, com quase a chegada do dia do Halloween, a educadora pediu-me para elaborar com as crianças um móbil de fantasmas feitos de pratos e pintado com os dedos.

Todos dias acho mais que este grupo necessita de desenvolver a sua formação pessoal e social.

Momento de reflexão: Devo admitir que o erro foi meu, devia ter escolhido noutro momento ter um diálogo com o grupo sobre o “monstro”.

25/10

Para esta quarta, ficou proposto elaborarmos as regras de convivência na sala, porque já andávamos a falar sobre este assunto: “Que depois da brincadeira, devemos arrumar os brinquedos”. Para tal, achei interessante juntar o projeto do o monstrinho para auxiliar nas várias situações: que podemos fazer na sala ou no recreio. Com demonstrações de imagens e grandes.

Para cativar o grupo, considerei aliciante optar pelo fator surpresa. Com um saco tirei o “Monstrinho” para conquistar a atenção das crianças. Algo que muitas vezes, esqueço de trazer para as minhas intervenções. E que corre sempre bem, se utilizarmos nas nossas propostas de atividades.

30/10

Nesta segunda aproveitei um bocadinho da manhã para dialogar com o grupo sobre o dia das bruxas. Para introduzir o dia das bruxas contei uma lengalenga sobre as bruxas e para acompanhar utilizei pequenos fantoches para cativar mais a atenção das crianças mais uma vez. Por admiração minha o grupo aderiu muito bem e pediu para repetir enquanto esperávamos pelo professor R.

Depois da aula lecionada pelo professor terminar passámos para a atividade de expressão plástica, e pintar aboboras com a técnica do berlinde. Foi muito bem-sucedida!

31/10

Dia comemorativo das bruxas e o aniversário da educadora, consegui terminar com as crianças quase todas as abóboras. Tivemos um desfile de vassouras, ouvimos informação relativamente a este dia e comemos bolos e doces.

Balanco deste mês:

Durante estes quase dois meses, pude observar que com a entrada e saídas de crianças para outras instituições não é um ambiente fácil nem para as crianças nem para equipa educativa, porque prolonga o período de adaptação. É fundamental para o grupo de crianças. É necessário ser flexível nas rotinas bem como nas propostas de atividades, e é importante que a criança se sinta segura no ambiente educativo. Por isso tive de aprender a descentralizar na minha planificação e nos meus objetivos. E passar a focar mais no que o grupo estava a necessitar. É uma realidade nova para mim, e bastante realista. Agora sei que o período de adaptação não é uma tarefa rápida e fácil é preciso ter paciência e arranjar estratégias para promover conforto as crianças.

Não tem sido desagradável, mas tem sido duro, porque tive de esquecer as expectativas e deixar tudo fluir naturalmente. Centrei-me nas rotinas e o que poderia fazer fora das atividades orientadas, pois o trabalho de educador envolve um todo e não só um pedaço do dia. O grupo onde estou inserida tem crianças com idades compreendidas entre 2 e 4 anos. Contudo as crianças mais velhas ainda demonstram um nível de desenvolvimento baixo, na área de formação pessoal e social. A palavra “não” ainda está muito presente, contudo por vezes demonstram capacidades de ajuda. Na maioria das vezes, a partilha ainda não é muito bem conseguida. Reparo que alguns estão ainda na fase do egocentrismo. Porém, reconhecem as regras da sala de atividades. É um grupo interessado pelas histórias, mas o seu nível de concentração é pouco, o que é normal nessas idades. É necessário cativá-las com o fator surpresa. Gostam de brincar com legos e também de estar na área da casinha. Mas não sabem quantos devem estar em cada das áreas: é algo a desenvolver.

Gostam imenso de brincar no exterior tem as típicas brincadeiras dos empurrões, de brincar às mãos e aos pais e de andar no escorrega. Pude observar que algumas crianças já têm preferências de amigos. Mas gostava de conseguir integrar as crianças mais novas, de modo a poderem brincar todas juntas.

Através das minhas propostas de atividades pude verificar o que resultava com o grupo o nível de competências de cada uma das crianças. A partir dessas observações nas

atividades propostas, constatei que é necessário promover mais trabalho cooperativo entre as crianças, para descentralizar o egocentrismo. Contudo, tenho receio visto que é um grupo heterogêneo muito diversificado não só pelas idades, mas pelas suas individualidades. Tem sido complicado adequar uma atividade/jogo lúdico para incentivar o trabalho cooperativo e a integração das crianças novas...

3/11

Entraram três crianças novas com idades de dois anos, duas meninas e um menino. Apesar de ter idades iguais tem características e necessidades bastante diferentes. Uma das meninas M1 vem de um contexto de educação formal, portanto, a sua adaptação decorreu de forma calma e tranquila. Por outro lado, a A nunca esteve em contexto creche, por isso, a sua adaptação foi de altos e baixos. Momentos esses que ocorriam principalmente na hora de acolhimento que se tinha de separar da mãe. A criança ao longo desse dia demonstrou uma grande ansiedade e choro. Portanto, fazíamos de tudo para a ajudar a acalmar; essencialmente dávamos colo, afetos e espaço e liberdade para explorar a sala.

Hoje foi a vez do G tal como a A foi a sua primeira vez em contexto formal, longe dos seus pais. Contudo este menino apenas demonstrou pequenos momentos de choro e ansiedade, o que é normal, mas integrou-se bem ao grupo e as rotinas. Enquanto para nós, e especialmente para mim é um ajustamento e um recomeço. Quero tentar ao máximo proporcionar momentos de cooperação entre os mais velhos e os mais novos. Visto que o grupo se tornou maior e diversificado em vários níveis.

6/11

Um novo mês, outra segunda-feira, mas a mesma situação com a adaptação das novas crianças. Estas apenas têm dois anos de idade, portanto, o processo é ainda muito mais delicado. E duas delas nunca estiveram em contexto formal. Durante a manhã, na hora do acolhimento temos de assegurar que estas se tranquilizam através do colo, afeto e carinho que é essencial neste processo; faz parte do processo. A criança A é a que custa mais a adaptar-se, é necessário dar-lhe liberdade de explorar o espaço e habituar-se aos adultos da sala bem como as crianças. O G apesar da pequena choradeira que faz na hora de acolhimento. Aos poucos vai-se ajustando ao grupo e às rotinas. Quanto à M2, aguenta-se bem devido à permanência do seu peluche o dia todo, isto é o seu objeto transitivo.

Com este processo de readaptação das novas crianças, sinto que faço o mínimo devido à flexibilidade de rotinas. Contudo, tenho consciência que isso é importante para o bem-estar das crianças. Hoje tentei introduzir a caixa de música o que correu bem. Esta utilização do instrumento veio permitir que as crianças adquiram mais concentração e destreza ao rodar a manivela para poderem escutar a música. Além disso promoveu o respeito pela vez: a criança aguardar pela sua vez, algo que é difícil, mas que pretendo alcançar com este grupo. E permite, ainda que as crianças se acalmem no momento do tapete.

Não tem sido fácil para mim nem para a educadora dirigir as manhãs e seguir a planificação devido à situação do grupo. Sabendo que a planificação é mensal, existe maior abertura e liberdade para explorar novas ideias trazidas pelas crianças. Contudo, o grupo demonstra e necessita mais tempo para explorar o ambiente e a brincadeira livre.

7/11

Nesta terça-feira, há um novo horário e algumas crianças que já tem os três anos podem ir à ginástica que é lecionada por outro docente, e eu e a educadora vamos acompanhar as crianças até ao pavilhão municipal de Loulé. As restantes crianças que não tem idade suficiente ficam com auxiliar na sala. Não é fácil para uma pessoa adulta gerir o acolhimento, principalmente, quando as crianças mais novas estão em adaptação e requerem mais carinho e atenção.

As atividades propostas pela professora de educação física são circuitos pequenos que consistem muito na coordenação das crianças. Pude observar que uma das crianças mais velha da sala, o G tem mais facilidade do que os restantes. Porém o seu comportamento de seguir orientações ainda não está bem adquirido, gosta muito de fazer o contrário do que lhe é pedido.

No regresso à sala voltámos à rotina normal. Uma das crianças mais nova a [A] passou o dia inteiro a chorar, mas nós tentamos os possíveis para tentar acalmá-la. Sente-se muito confortável junto à educadora e auxiliar, entretanto comigo ainda estamos a estabelecer uma relação; eu respeito dando-lhe o espaço.

Devido à realidade da sala as atividades têm sido muito flexíveis, e por vezes decididas em cima do momento. A ausência da educadora para tratar os assuntos da coordenação implica que eu consiga coordenar com a planificação mensal, de modo, a não perder o elo de ligação das atividades e as crianças compreenderem a sequência das

mesmas. Sinto pressão porque não tenho a certeza de estar a ter uma postura correta como educadora, mas tento usar diversas estratégias e novas atividades para despertar o interesse do grupo.

8/11

Quarta-feira, o dia que tenho mais liberdade e disponibilidade para dinamizar as atividades orientadas. Este dia foi construído em base do improvisado e do material existente na sala, e do dia que estava próximo a comemorar. Através de um objeto de uma educadora decidi fazer um momento surpresa para as crianças, algo que lhes fascina muito e lhes deixa curiosas no momento.

Mas primeiro que tudo comecei a reintroduzir a caixa de música para conseguir captar ainda mais atenção das crianças. E correu bem, apenas o G é que destabilizou um bocadinho porque quer ser o primeiro em tudo. De seguida, passei para o elemento surpresa em que cada criança chegava perto de mim e colocava sua mão no saco e tentava descobrir o que era. Todos acharam que era um monstro! Acabamos por descobrir que era um ouriço da castanha. A partir daí partiu-se do que as crianças sabiam sobre as castanhas.

De seguida, achei significativo utilizar um elemento com que as crianças gostam de brincar, os legos. Usámos essas peças para pintarmos as castanhas e para lhes dar um efeito diferente.

10/11

Tive de regressar ao estágio na sexta-feira para terminar a atividade das castanhas. Entretanto, também elaborámos uns sacos para colocar umas bolachas feitas pelas crianças. Visto que era a semana de S. Martinho fomos à biblioteca municipal realizar uma atividade com as crianças.

Momento de reflexão: Pude constatar já umas pequenas mudanças grupo. O G na hora das refeições já não necessitou da nossa ajuda, conseguiu comer sozinho sem ficar à nossa espera. Além disso, no momento da elaboração da atividade também, voluntariamente, quis participar e durante o dia todo apenas chorou um bocadinho. Foi necessário dar-lhe aquele espaço inicial até se sentir mais confortável e seguro neste novo ambiente. São necessários dar pequenos passos para ter um grande progresso.

13/11

Foi o dia de realizar as bolachas, a Educadora trouxe a sua bimby para facilitar todo o processo. Entretanto fomos vendo os ingredientes necessários para fazer as bolachas. Explorámos e mexemos a massa. Entretanto, tivemos aula de música com o professor Ricardo, mas antes de ele chegar, tocámos a caixinha de música para acalmarmos.

Terminada a sessão de música voltámos a explorar a massa!

15/11

No dia do pijama realizei uma atividade em volta deste assunto, mas visto que o grupo é heterogéneo e as crianças tem características e aptidões diferentes decidi dividir as crianças em pequenos grupos. Cada grupo utilizou uma técnica de pintura diferente tendo em conta com o nível de desenvolvimento de cada pequeno grupo.

Noto que a maior dificuldade é conseguir conciliar os diferentes níveis de desenvolvimento das crianças, mas esta atividade correu bem, pois as crianças demonstraram interesse e estiveram motivadas. Especialmente as crianças mais novas quiseram logo participar. No entanto, o resto do grupo foi para o recreio. Assim que terminava um grupo, chamava o seguinte.

Neste grupo, especialmente, os que estão a adaptar-se necessitam de tempo para apanhar “ar.”. Assim sempre que se termina uma pequena atividade orientada optamos por deixar as crianças irem ao recreio um bocado para depois estarem mais predispostas a outras propostas.

Dia 27/11

Por motivos pessoais a educadora não pode estar presente neste dia, contudo achei melhor ir para a instituição. E neste dia, reparei que a [A] se está a adaptar finalmente durante o dia pois o choro não foi tão permanente. Já interage mais com os outros adultos e com as crianças; nos dias de música, ela demonstra-se menos angustiada e até canta junto com o professor. Considero que seja a melhor altura para optar por estratégias de integração, ou seja, atividades baseadas no jogo que promovam uma melhor interação crianças – crianças.

Além disso, noto umas melhorias nas atitudes das crianças, antes de ir para o parque o G decidiu arrumar a sala e as almofadas. E depois da sesta o T e a N quiseram ajudar a M a calçar-se.

Apesar de não existirem atividades orientadas para a promoção da entreajuda, as crianças aos poucos vão demonstrando que são capazes de ajudar-se umas às outras sem o adulto pedir.

28/11

Neste dia expliquei a educadora que gostaria de experimentar um jogo com grupo, para ter uma noção de quais são as referências de amigo que eles têm. Queria que fosse uma escolha voluntária da criança. Infelizmente não consegui ter grande perceção devido a intervenção da educadora. Tinha logo uma reação intuitiva de pedir as crianças em fazer algo. Por exemplo, pedi às crianças para dar um beijinho a um amigo, entretanto, o D não deu a ninguém e só falta a criança A, e a educadora reforçou que o D desse o beijo. E a resposta dele foi “não quero dar porque ela está sempre a chorar”.

Apesar das limitações consegui tirar pequenas conclusões, por exemplo que às vezes as crianças mais velhas não brincam com os mais novos pelas razões que o D apresentou.

Contudo, à tarde tentei realizar um pequeno jogo para perceber se o grupo conhecia todos os meninos e meninas da sala e conclui a maioria tem conhecimento dos nomes de cada um. Esta atividade também serviu para relembrar aos mais novos os nomes das crianças mais velhas.

29/11

Neste dia pretendia introduzir um jogo lúdico em volta da história “A que sabe a lua”, que retrata a história de uns animais que queria “experimentar” a lua só que sozinhos não conseguiam. Portanto, tinha de colaborar em conjunto para alcançar a lua. O momento da história correu bem, contudo com as distrações provocada pelo entrar e sair de pessoas da sala as crianças ficaram distraídas. Por isso, a melhor solução foi deixar para outro dia para realizarmos no exterior.

04/12

Neste dia continuamos com a proposta anterior da história “A que sabe a lua”, e tentámos introduzir um jogo lúdico onde todos pudessem participar. Por isso, cada criança

retirou do saco um cartão relativo às personagens e, de seguida, fizemos a roda dos animais. Em que chegámos para frente, para trás, mexíamos para os lados quem não tivesse atento sai da roda, e espera pela próxima vez para tentar de novo.

Como foi a primeira vez, não correu 100%, contudo demos muitas risadas e aprendemos um jogo no qual todos podiam participar.

Balanco final:

Apesar das diferenças entre as crianças estas foram integrando-se, gradualmente segundo os seus próprios ritmos. Foi preciso muito trabalho de equipa entre educadora, auxiliar e comigo para encontrar estratégias que fossem ao encontro das necessidades do grupo. Como tal, as atividades desenvolvidas não tiveram um fio condutor, mas de um modo geral seguiram os interesses e as necessidades do grupo. Esta experiência de adaptação e readaptação foi um desafio para todos participantes. Especialmente para mim, que nunca tinha experienciado uma situação destas. Através dela cresci profissional e pessoalmente também, graças a esse grupo pude conhecer uma nova realidade. Refleti sobre a mesma e sobre a minha intervenção pedagógica constantemente.

Compreendi que antes dos meus objetivos, devo pensar nas necessidades das crianças. Considerar o que as crianças têm para dizer e fazer, pois ao escutá-las é possível encontrar o caminho certo para uma prática pedagógica adequada.

Guião de entrevista

Introdução: sou aluna do Mestrado em Educação Pré-escolar, da Escola Superior de Educação e Comunicação, da Universidade do Algarve, e estou a desenvolver um projeto de investigação no âmbito da unidade curricular Prática de Ensino Supervisionada II. O objetivo principal deste trabalho é “*compreender o processo de adaptação de um grupo de crianças a uma sala de jardim de infância*” e a presente entrevista pretende saber como foi preparada, como decorreu e quais as dificuldades sentidas durante aquele período.

Entrevistadas	Duas educadoras de infância e Coordenadora Pedagógica
Entrevistadora	Mestranda em Educação Pré-escolar

Temas	Objetivos	Questões
Justificação das entrevistas	Explicação o que se pretende com a entrevistas e do estudo em que se enquadra	Este projeto tem como objetivo compreender como decorre período de adaptação de um grupo de crianças a uma sala de jardim de infância. Ainda visa saber como as educadoras preparam este período e que dificuldades foram sentidas.
Identificação da entrevistada	- Proceder à caracterização das entrevistadas: idade, formação, tempo de serviço. No caso da Coordenadora Pedagógica: há quanto tempo desempenha estas funções	Que idade tem? Qual é a sua formação? Há quantos anos trabalha como educadora? Há quanto tempo desempenha esta funções? (coordenadora pedagógica)

<p>Organização do processo de adaptação das crianças à sala de JI</p>	<p>-Saber como é preparado o processo de adaptação das crianças à sala de JI</p> <p>- Saber como se processou o trabalho para adaptação das crianças ao JI e à sala</p>	<p>Por parte da coordenação pedagógica existe alguma orientação para o período de adaptação?</p> <p>Se sim, indique qual? Reflete esta fase no projeto da sala? Que tipo de atividades desenvolve com as crianças? E com a família?</p> <p>- Se não existe diga como procede/prepara este período? Reflete esta fase no projeto da sala? Que tipo de atividades desenvolve com as crianças? E com a família?</p>
<p>Papel das famílias no processo de adaptação</p>	<p>Saber de que forma as famílias colaboram no processo de adaptação</p>	<p>- Foi solicitada a colaboração das famílias no processo de adaptação das suas crianças?</p> <p>- Como e em quê consistiu?</p> <p>- Houve resposta/colaboração por parte das famílias?</p> <p>- Como comunicou com as famílias o que ia acontecendo?</p>
<p>Dificuldades sentidas</p>	<p>- Identificar as dificuldades sentidas</p> <p>- Saber de que forma a educadora ultrapassou as dificuldades sentidas</p> <p>- Identificar propostas para melhoria desta fase</p>	<p>- Quais foram as dificuldades que mais sentiu no período de adaptação?</p> <p>- Como procedeu para fazer face às dificuldades sentidas?</p> <p>- Mudou as atividades?</p> <p>- Falou com as famílias?</p> <p>- Falou com a coordenadora pedagógica? Falou com as suas colegas para encontrar soluções/sugestões?</p> <p>- Tendo em atenção o que experienciou o que acha que deve ser feito para melhorar, de futuro, o processo de adaptação das crianças.</p>

Apêndice IV - Transcrições das entrevistas às educadoras

Entrevista à Educadora de Infância A e Coordenadora Pedagógica

Entrevistadora: Sou aluna do Mestrado em Educação Pré-escolar, da Escola Superior de Educação e Comunicação, da Universidade do Algarve, e estou a desenvolver um projeto de investigação no âmbito da unidade curricular Prática de Ensino Supervisionada II. O objetivo principal deste trabalho é “*compreender o processo de adaptação de um grupo de crianças a uma sala de jardim de infância*” e a presente entrevista pretende saber como foi preparada, como decorreu e quais as dificuldades sentidas durante aquele período.

Educadora A: Ok.

Entrevistadora: Como já referi anteriormente, este projeto tem como objetivo compreender como decorre período de adaptação de um grupo de crianças a uma sala de jardim de infância. Ainda visa saber como as educadoras preparam este período e que dificuldades foram sentidas. Vamos iniciar por saber sobre pequenas informações sobre si?

Entrevistadora: Que idade tem?

Educadora A: 49 anos.

Entrevistadora: Qual é a sua formação?

Educadora A: Tenho a Licenciatura.

Entrevistadora: Há quantos anos trabalha como educadora?

Educadora A: 25 anos.

Entrevistadora: Há quanto tempo desempenha a função de coordenadora pedagógica?

Educadora A: 17 anos.

Entrevistadora: Por parte da coordenação pedagógica existe alguma orientação para o período de adaptação?

Educadora A: Sim, existe mais outra sala de jardim de infância e trabalhamos em conjunto nesse sentido de ajudar nesse período.

Entrevistadora: Que tipos de atividades desenvolve com as crianças?

Educadora A: Inicialmente as atividades que desenvolvemos, tem mais haver com o carinho que lhe damos, e a atenção. De modo a que elas se sintam seguras e confortáveis, apesar de não sermos os seus pais, tentamos demonstrar o maior carinho e conforto possível. Em termos de atividades começam propriamente mais tarde.

Entrevistadora: E com a família?

Educadora A: A Família inicialmente é muito importante, o apoio da família na adaptação das crianças. É importante que as crianças inicialmente, não fiquem na instituição durante muito tempo, porque existem crianças que entram às 8h e saem daqui às 19h. E o período que cá estão é um período muito longo, e acaba por ser difícil porque tanto tempo na sala chega à uma altura que já querem os pais. É necessário então que sempre que possível os pais virem buscar os filhos um bocadinho mais cedo.

Entrevistadora: Foi solicitada a colaboração das famílias no processo de adaptação das suas crianças?

Educadora A: É sempre solicitada a colaboração das famílias na fase da adaptação.

Entrevistadora: Como e em quê consistiu?

Educadora A: A própria família, a mãe e o pai, a falarem com eles que vem para a escola “nova” para eles é tudo novo. É a escola, é a educadora e é a auxiliar. O que já falei à pouco de não deixarem eles cá no início durante muito tempo, acaba por ser um grande período que sentem falta da mãe e do pai. E o diálogo é importante!

Entrevistadora: Houve resposta/colaboração por parte das famílias?

Educadora A: Há sempre famílias que colaboram e outras que não. Mas na sua grande maioria existe uma boa resposta.

Entrevistadora: Como comunicou com as famílias o que ia acontecendo?

Educadora A: Eu disponibilizo sempre o meu contacto. Sempre que as famílias têm qualquer dúvida, o que estejam preocupados com alguma situação não conseguirem estar comigo de manhã ou o final da tarde. Falo com eles pelo telefone. Mas geralmente estava como eles de manhã ou de tarde.

Entrevistadora: Quais foram as dificuldades que mais sentiu no período de adaptação?

Educadora A: As maiores dificuldades da adaptação deste grupo, é o facto de estarem a entrar e sair constantemente crianças. Nós no final de setembro tínhamos vinte e tal crianças e depois saiam porque iam para o ensino público, entravam uns saiam outros. Voltavam a sair outros já estava o grupo adaptado, voltavam a sair. Isto foi até dezembro! Só em dezembro é que posso dizer que tivemos o grupo adaptado.

Entrevistadora: Como procedeu para fazer face às dificuldades sentidas?

Educadora A: Tentamos partir pela novidade, atividades diferentes e novas. Tivemos cá a estagiária, que neste caso ajudou bastante com atividades, ideias e novidades. E as crianças pela novidade acabam por se adaptar ao novo ambiente. E o diálogo com toda a equipa educativa, com a educadora, a auxiliar e com a estagiária. O carinho, o beijinho e os mimos fizeram também parte da adaptação.

Entrevistadora: Tendo em atenção o que experienciou o que acha que deve ser feito para melhorar, de futuro, o processo de adaptação das crianças.

Educadora A: Quando as situações ocorrem, é quando nós nos apercebemos o que conseguimos fazer e o que conseguimos melhorar. Porque nós achamos que damos sempre o nosso melhor. Consoante as situações vão correndo, nós poderemos adaptar e melhorar, claro. Estamos aqui para melhorar sempre!

Entrevistadora: Obrigada pela disponibilidade e a sua colaboração.

Educadora A: De nada! Qualquer coisa podes contar comigo, que estou disponível para esclarecimento de alguma dúvida.

Entrevista à Educadora de Infância B

Entrevistadora: Sou aluna do Mestrado em Educação Pré-escolar, da Escola Superior de Educação e Comunicação, da Universidade do Algarve, e estou a desenvolver um projeto de investigação no âmbito da unidade curricular Prática de Ensino Supervisionada II. O objetivo principal deste trabalho é “*compreender o processo de adaptação de um grupo de crianças a uma sala de jardim de infância*” e a presente entrevista pretende saber como foi preparada, como decorreu e quais as dificuldades sentidas durante aquele período.

Educadora B: Ok.

Entrevistadora: Como já referi anteriormente, este projeto tem como objetivo compreender como decorre período de adaptação de um grupo de crianças a uma sala de jardim de infância. Ainda visa saber como as educadoras preparam este período e que dificuldades foram sentidas. Vamos iniciar por saber sobre pequenas informações sobre si?

Educadora B: Sim

Entrevistadora: Que idade tem?

Educadora B: 48 anos.

Entrevistadora: Qual é a sua formação?

Educadora B: Tenho Licenciatura e tenho Pós-Graduação em Intervenção Precoce.

Entrevistadora: Há quantos anos trabalha como educadora?

Educadora B: 23 anos

Entrevistadora: Por parte da coordenação pedagógica existe alguma orientação para o período de adaptação?

Educadora B: Sim. Normalmente nós tentamos realizar atividades para que exista mais interação entre as crianças do grupo, de forma a facilitar a socialização e o contacto entre eles e a integração em si.

Entrevistadora: E com a família?

Educadora B: Normalmente não costumo fazer, mas costumo sensibilizar os pais especialmente na hora do acolhimento. Quando deixam a criança na instituição que não fiquem tanto tempo de espera, porque transtorna mais a criança e esta fica mais angustiada, ansiosa e chora mais. É importante que os pais despeçam com um mimo, mas depois entregue a criança à educadora ou auxiliar e assim podem ir embora.

Entrevistadora: Foi solicitada a colaboração das famílias no processo de adaptação das suas crianças?

Educadora B: Sim, normalmente nós pedimos aos pais que não venham muito tarde não deixem a criança por um período muito longo nos primeiros dias para causa menos ansiedade e angústia para a criança. Porque não é fácil!

Entrevistadora: Houve resposta/colaboração por parte das famílias?

Educadora B: O desapego é muito difícil, e os pais nesta parte ainda não conseguem desassociar-se e o que acontece é que a criança vem para o nosso colo e não está a chorar. Mas os pais não conseguem deixar a criança, e quando decidem ir embora esta começa a chorar outra vez. Neste sentido, nós educadores temos de ter uma certa tolerância nestes momentos e saber como dirigir aos pais de forma a não os ofender.

Entrevistadora: Como comunicou com as famílias o que ia acontecendo?

Educadora B: Sempre de manhã ia conversando com as famílias, e sempre dei o meu contacto direto para que pudessem falar comigo sempre que precisassem. Sem problema nalgum neste aspeto!

Entrevistadora: Quais foram as dificuldades que mais sentiu no período de adaptação?

Educadora B: Foi o facto de entrar crianças novas a todo o momento, houve uma grande saída. E quase todos os dias praticamente quase vinham crianças novas. Esse foi o maior problema, não consegui existir estabilidade no seio do grupo.

Entrevistadora: Como procedeu para fazer face às dificuldades sentidas?

Educadora B: Foi um bocado difícil, mas procuramos em dividir tarefas entre educadora e auxiliar. Uma dedicava-se à uma parte do grupo e outra a restante parte para ter sempre alguém a dar acompanhamento.

Entrevistadora: Mudou as suas atividades?

Educadora B: Um bocado, tive de fazer uma readaptação a todos os níveis para que todas as crianças pudessem aproveitar ao máximo.

Entrevistadora: Falou com a coordenadora pedagógica?

Educadora B: Sim, normalmente nós falamos porque somos colegas de sala. E ela sentiu o mesmo.

Entrevistadora: Tendo em atenção o que experienciou o que acha que deve ser feito para melhorar, de futuro, o processo de adaptação das crianças.

Educadora B: Talvez ter mais pessoas. Se no período de adaptação houvesse mais uma pessoa na sala seria mais fácil. E outra coisa também ter um tipo de materiais mais diversificados que também permitam que a criança se sinta mais estimulada. Isto também era uma aposta! E também que os pais participassem mais, mas os pais nunca têm tempo e estão stressados com o trabalho.

Entrevistadora: Obrigada pela disponibilidade e a sua colaboração.

Educadora B: De nada! Qualquer coisa podes contar comigo, que estou disponível para esclarecimento de alguma dúvida.

Questionário

Este questionário surge no âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada, do Mestrado em Educação Pré-escolar, da Escola Superior de Educação e Comunicação, da Universidade do Algarve, de que sou aluna. O objetivo é recolher informações sobre as opiniões das famílias em relação ao período de adaptação à sala de jardim de infância do/a seu/sua educando/a. O trabalho que estou a realizar visa apenas fins académicos, as respostas dadas são confidenciais e não requerem qualquer identificação dos respondentes. O preenchimento do questionário ocupará cerca de 5 minutos. Agradeço desde já a sua colaboração!

1. Idade do educando: _____

2. Género do educando: Feminino Masculino

3. Considera que a adaptação do/a seu/sua educando/a à sala de Jardim de Infância foi:

Fácil Dificil

3.1. Se **considerou fácil** o que acha que contribuiu para isso (assinale apenas 3 respostas indicando o seu grau de importância: 1º, 2º e 3º):

As atividades desenvolvidas pela educadora

A existência de afeto e carinho por parte da educadora

A existência de afeto e carinho por parte da auxiliar educativa

Disponibilidade da educadora para dialogar com os pais

Outro _____

3.2. Se **considerou difícil** o que acha que contribuiu para isso (assinale apenas 3 respostas indicando o seu grau de importância: 1º, 2º e 3º):

A pouca adequação das atividades desenvolvidas pela educadora

Ausência de afeto e carinho por parte da educadora

A pouca disponibilidade da educadora

A falta de afeto e carinho por parte da auxiliar educativa

Indisponibilidade da educadora para dialogar com os pais

Outro _____

4. Teve conhecimento das atividades a ser desenvolvidas pela educadora no período de adaptação do/a seu/sua educando/a ao jardim de infância?

Sim

Não

5. Participou no processo de adaptação do/a seu/sua educando/a?

Sim

Não

Se sim, indique de que forma participou nesse mesmo processo.

6. Considera que o trabalho de adaptação das crianças à sala de JI foi:

Muito adequado

Adequado

Pouco adequado

Nada adequado

7. O que acha que poderia ser feito para melhorar o período de adaptação do/a seu/sua educando/a ao jardim de infância?

Apêndice VI - Respostas aos questionários dos EE

Respostas aos questionários dos EE

1. Idade do educando

Tabela 7 - Idade do educando

	Fi	%
2 anos	3	30
3 anos	6	60
4 anos	1	10
Total	10	100

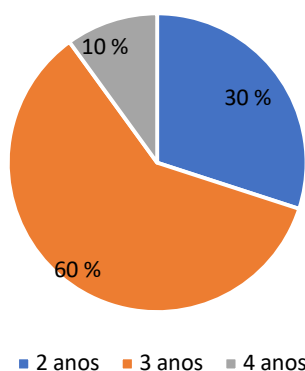


Gráfico X - Idade das crianças do grupo

2. Género do educando

Tabela 8 - Género do educando

	Fi	%
Feminino	4	40
Masculino	6	60

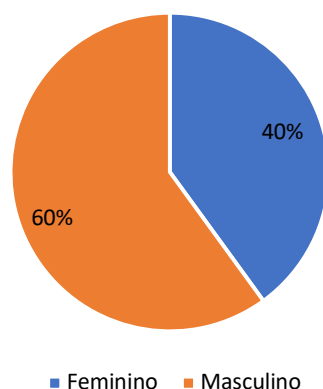


Gráfico XI - Género das crianças do grupo

3. Avaliação do processo de adaptação do JI pelos EE

Tabela 9 - Avaliação do processo de adaptação pelos EE

	Fi	%
Fácil	7	70
Difícil	3	30
total	10	100

3.1. Fatores que contribuíram para uma boa adaptação ao JI:

Tabela 10 -Fatores facilitadores da adaptação

	As atividades desenvolvidas pela educadora	A existência de afeto e carinho por parte da educadora	A existência de afeto e carinho por parte da auxiliar educativa	Disponibilidade da educadora para dialogar com os pais	Outro
1º	-	3	1	1	1
2º	-	2	3	-	-
3º	4	-	1	-	-

3.2. Fatores que contribuíram para uma difícil adaptação:

Esta questão remete para quais foram os fatores que os encarregados de educação consideraram que o seu/sua educando/a teve uma adaptação difícil. Os três EE que responderam esta questão escolheram a opção “Outro” e cada um especifica a sua razão. Nas quais são relevantes e serão transcritas: *“A educanda teve muito tempo em casa com a mãe e foi difícil a separação”*; *“A adaptação do G nada teve a ver com o comportamentos da educadora ou da auxiliar, apenas foram muitos anos noutra colégios com educadoras diferentes e colegas diferentes e ele sentiu falta disso no 1º mês”*; *“Foi difícil porque estava habituado a “estar sozinho”(Ex: brincar). Pois quando entrou para o jardim de infância já tinha 2 anos e não foi fácil mudar os hábitos que tinha”*.

4. Reconhecimento dos EE sobre as atividades desenvolvidas pela educadora, no período de adaptação:

Tabela 11 - Reconhecimento dos EE sobre as atividades

	Fi	%
Sim	9	90
Não	1	10
total	10	100

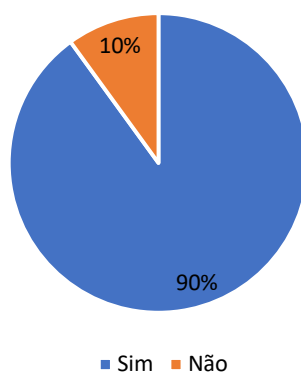


Gráfico XII - Reconhecimento dos EE sobre as propostas de atividades

5. Participação dos EE no processo de adaptação:

Tabela 12- Participação dos EE

	Fi	%
Sim	4	40
Não	6	60
total	10	100

5.1. Respostas dos EE, quanto à sua participação no processo de adaptação dos seus educandos:

Tabela 13- Respostas dos EE, quanto à sua participação

Respostas selecionadas	Fi
Dialogando com a educadora	1
Adaptação de horários	2
Dar a conhecer os hábitos da criança	1
Conversando com a criança	4
Permanecer com a criança, o tempo necessário, antes de entrar na sala.	1

6. Consideração dos EE quanto ao trabalho desenvolvido no processo de adaptação dos seus educandos:

Tabela 14 - Consideração dos EE

	Fi	%
Muito adequado	2	20
Adequado	8	80
Pouco adequado	-	-
Nada adequado	-	-
Total	10	100

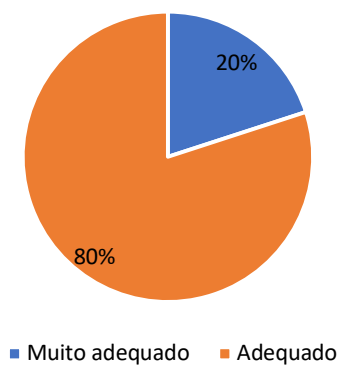


Gráfico XIII - Consideração dos EE quanto ao trabalho desenvolvido na sala dos seus educandos

7. Sugestões dos EE para melhorar o período de adaptação:

Tabela 15- Sugestões elaboradas pelos EE

	Fi
Mais auxiliares educativas	2
Não mudariam, o trabalho da educadora nem da auxiliar. Foi fantástico!	4
Sem resposta.	4
Total	10